

Guia para Formação de LÍDERES

PEQUENO GRUPO PROTÓTIPO



“Temas para capacitar a liderança
e multiplicar discípulos através dos pequenos grupos”

Apresentação

O estudo de Schwarz, realizado em mais de mil igrejas de 32 países de cinco continentes, é prova de que a multiplicação de pequenos grupos é o princípio mais importante da igreja. Quanto maior a igreja, mais necessário se faz a aplicação do princípio de grupos, visando o crescimento contínuo. Nas igrejas crescentes, 78% afirmaram: “Em nossa igreja é incentivada a multiplicação dos grupos”. Já nas igrejas decrescentes, apenas 6% afirmaram o mesmo. Essa diferença de 72% indicou os pequenos grupos como o princípio mais importante para o crescimento da igreja e para o envolvimento de pessoas no ministério.

Na igreja primitiva e nos primórdios da igreja adventista, os crentes eram ensinados a manter sua fé sem a ajuda do ministro. O pastor deve estar livre para fazer a obra que Deus ordenou que fizesse: aperfeiçoar e capacitar os santos para o desempenho do seu serviço (Ef 4:11-14). Russel Burrill, especialista em crescimento de igrejas, afirma: “O tempo do pastor deve ser gasto, não tanto na realização de funções ministeriais,

mas no treino, formação e supervisão”.

Quando as pessoas são envolvidas de acordo com os dons, elas saem dos muros da igreja, servem e impactam a comunidade através de testemunho, ações caridosas, estudos bíblicos nos lares e outras atividades que demonstrem o amor e a maravilhosa graça de Jesus.

Infelizmente, o modelo de igreja estabelecido por Cristo foi rejeitado ao longo da história e seguimos hoje o modelo protestante congregacionalista do século 19. Neste modelo, o pastor e um grupo de pessoas escolhidas pela comissão ministram, e a grande maioria dos membros são expectadores. Como resultado disso, as igrejas modernas estão cheias de homens, mulheres, crianças e jovens capazes e talentosos, mas pouco envolvidos com atividades missionárias.

Ao longo dos anos tenho percebido que a mera implantação dos pequenos grupos não garante o êxito que somente é conseguido através de uma liderança competente e visionária. O foco não deve estar na estrutura, mas

na formação daqueles que estarão dirigindo os grupos visando à multiplicação e a formação de outros líderes. A igreja que não está focada na formação e desenvolvimento de líderes está planejando o seu fracasso.

Os pequenos grupos, além de contribuir para o crescimento da igreja, elevam a espiritualidade de forma natural; preparam líderes; formam discípulos maduros e reprodutivos; aumentam o conhecimento da Palavra de Deus; atendem as necessidades individuais. O pequeno grupo é o lugar em que os membros se edificam mutuamente e se organizam para alcançar a comunidade. O pequeno grupo é a base para estabelecer novas congregações. Segundo Schwarz é “o método, mais efetivo de evangelizar debaixo do céu”.

Parabenizo você por ter aceitado o convite do seu pastor e participar do pequeno grupo protótipo. Aproveite o máximo dessas reuniões, experimente a verdadeira vida em felicidade e sinta o sabor da multiplicação.

Pr. Paulo Godinho
MIPES/USEB

EXPEDIENTE

GUIA DE FORMAÇÃO DE LÍDERES - PROTÓTIPO

DIREITOS DE PUBLICAÇÃO:

Ministério Pessoal da União Sudeste Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia

AUTOR: Paulo Godinho

REVISÃO: Rejane Célia de S. Godinho

ADMINISTRAÇÃO:

Presidente: Maurício Pinto Lima

Secretário: Leonidas Verneque Guedes

Tesoureiro: Volnei Porto

ARTE E DIAGRAMAÇÃO: e!ditora

mauriciocorrea.editora@gmail.com

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

PRIMEIRA TIRAGEM:

Conteúdo

6 A IGREJA ADVENTISTA DO SÉCULO XXI

9 PEQUENO GRUPO PARA O TEMPO DO FIM



12 ELLEN WHITE E A REUNIÃO SOCIAL

15 ELLEN WHITE E OS PEQUENOS GRUPOS

18 VIDA EM COMUNIDADE



21 PEQUENOS GRUPOS: O CENTRO DA VIDA PARA A IGREJA

24 O MODELO BÍBLICO

26 REACENDENDO A IGREJA BASEADA EM RELACIONAMENTOS

29 AS REUNIÕES SOCIAIS NO ADVENTISMO



31 TRABALHO PARA OS MEMBROS DA IGREJA

34 CARACTERÍSTICAS DE UM LÍDER EFICAZ

37 BEM VINDO À VIDA PASTORAL

40 IMPLEMENTANDO MUDANÇAS



44 PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE LÍDERES

*Mono mono mono mmono
mono mono mono mono mono
monomono mono mono mono
mono mono mono mono
mono mono mono monomono
mono mono mono mono mono
mono mono mono mono
(Mono Mono, p. 00)*



A Igreja Adventista do *Século XXI*

Podemos dizer que a Igreja Adventista do século XXI será ainda maior do que já conhecemos. Num certo sentido, porém, será menor. O motivo é que a Igreja funcionará com base nos pequenos grupos, com sedes nos lares de seus fiéis. O modelo congregacional não será mais sua base. “No ambiente da igreja do século XXI, será tão necessário pertencer a um pequeno grupo como é agora estar presente no Sábado de manhã.” Russel Burrill

A dinâmica da Igreja, as atribuições de seus pastores e lí-

deres, acompanharão o novo modelo. Atividades que poucos leigos desempenham hoje farão parte da rotina da maioria. Os leigos assumirão atividades pastorais e o Pastor estará incumbido de treinar e preparar homens e mulheres a cuidarem de seu próprio rebanho geográfico.

O pastor do futuro

As atividades do pastor na Igreja do século XXI serão diferentes. Ele dirigirá os leigos em seus variados ministérios. O tem-

po do pastor será gasto não tanto na realização de funções ministeriais bem conhecidas, mas no treino, formação e supervisão dos leigos.

Atualmente a estrutura da igreja é construída ao redor de um pastor que ministra a uma ou várias congregações. Na igreja do futuro, um pastor supervisionará os líderes de pequenos grupos que, por sua vez, dirigirão grupos de dez a doze pessoas. Os clérigos pastorearão os pastores leigos, e estes pastorearão ao povo. O pastor precisará encontrar-se

com os líderes pelo menos uma vez por semana.

Os membros serão melhores atendidos pelos pastores leigos, já que o máximo que um clérigo ordenado consegue pastorear convenientemente é cerca de cinquenta pessoas. A proliferação dos pequenos grupos tornará necessário o treino e formação de muitos pastores leigos, que atuarão na liderança deles.

Os pequenos grupos abrirão espaço para muitos e variados ministérios, conforme os dons do Espírito. O treinamento e preparo deverá ser constante, a fim de que todos possam estar prontos para o comprometimento de seus dons.

A Igreja Primitiva

O movimento dos pequenos grupos está destinado a revolucionar completamente a Igreja do futuro. E não é uma moda passageira, mas um regresso às nossas raízes bíblicas e Adventistas.

A igreja primitiva não se reunia em grandes catedrais. Os crentes se reuniam principalmente em lares. A construção em grande escala de casas de adoração ocorreu séculos depois da morte dos apóstolos. “As igrejas lares eram grupos pequenos de crentes.” (Romanos 16:5; I Coríntios 16:19; Colossenses 4:15; Filipenses 2).

Os clérigos eram os apóstolos e missionários. Eles fundavam as

igrejas lares e nomeavam líderes leigos para dirigir os pequenos grupos e cuidar dos crentes. Assim, os pastores, tal como conhecemos hoje, não existiam.

A formatação do trabalho que deu ao pastor o cuidado das igrejas diminuiu dramaticamente o nível de atenção dado ao rebanho. As congregações em geral têm mais pessoas do que um pastor possa atender e um pastor tem, normalmente, mais de uma congregação para cuidar. Precisamos voltar ao modelo da igreja do Novo Testamento.

O Adventismo Primitivo

A Igreja Adventista primitiva seguiu de perto o modelo do Novo Testamento. A maioria das Igrejas Adventistas primitivas era pequenos grupos, dirigidos por líderes leigos. Durante cerca de cinquenta anos depois da sua organização e mesmo depois de significativo crescimento, o Adventismo não teve pastores fixados a congregações.

Quase todos os pastores adventistas do século XIX foram evangelistas e plantadores de igreja. Nenhum deles servia como pastor em alguma igreja. As congregações foram ensinadas a cuidar de si mesmas. Os leigos lideravam a igreja. Os pastores eram treinadores e plantadores de novas congregações, como os apóstolos.

Uma pesquisa feita nos EUA sobre o crescimento da Igreja revela uma notável diferença no resultado do trabalho de pastores de perfil bem distintos: de treinadores e evangelistas como os apóstolos (1870) e de pregadores e “babás espirituais” dos membros (1990):

- Na década de 1870 foram necessários 2 pastores para fundar uma igreja a cada ano.
- Na década de 1990 foram necessários 122 pastores para fundar uma igreja a cada ano.

Além disso, estudos comprovam que a década de 1870 foi a de maior crescimento do Adventismo em todos os tempos. Tivemos em média 12% de crescimento líquido. Hoje nosso crescimento líquido anual está em torno de 6%. Concluímos também que a atenção dispensada ao membro era superior, visto que a apostasia era dramaticamente menor.

Há muito o que aprender ao observarmos nossas origens.

Pequenos grupos na Igreja Adventista

A Igreja Adventista do Sétimo Dia cresceu a partir do movimento Milerita de 1840, que atraiu pessoas de várias denominações tradicionais. Muitos vieram da igreja Metodista, inclusive Ellen White. Com ela veio também o plano das reuniões em pequenos grupos nos lares. No fim do sé-

culo XVIII e início do século XIX, John Wesley e George Whitefield foram usados por Deus para encabeçar um reavivamento espiritual em toda a Inglaterra. Wesley dividiu as pessoas em grupos de 12 que se reuniam na casa de um dos membros e discutiam seus problemas pessoais para edificação mútua.

Em toda a Inglaterra, o crescimento espiritual dos membros daqueles pequenos grupos foi fenomenal. Ellen White frequentava a Igreja Metodista na juventude, ela se envolveu no movimento milerita e trouxe muitas ideias deste reavivamento. De 1891 a 1900 mudou-se para a Austrália, onde estava ocorrendo um grande reavivamento de pequenos grupos. Lá Deus lhe deu oportunidade para reforçar o poder espiritual do ministério dos pequenos grupos.

“A formação de pequenos grupos, como uma base de esforço cristão, é um plano que tem sido

apresentado diante de mim por Aquele que não pode errar. Se houver grande número na igreja, os membros devem ser divididos em pequenos grupos, a fim de trabalharem não somente pelos outros membros, mas também pelos descrentes.” Evangelismo, p.115.

“Em visões da noite passaram perante mim representações de um grande movimento reformatório entre o povo de Deus.” TS, Vol. 3, p. 345.

“Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por toda parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial.” TS, Vol. 3, p. 345.

A visão escatológica Adventista pressupõe um tempo, durante a crise final, em que as Igrejas

não terão pastores e terão que existir por si mesmas, dirigidas pelo poder de Deus e o ministério dos leigos nos lares. Por que não agora?

Por Mono Mono Mono
Função/origem

Discussão:

1. Quais as diferenças entre o modelo tradicional de liderança de Igreja e o modelo baseado em Pequenos Grupos? Efésios 4:11-13.
2. Qual era o modelo usado na igreja Primitiva para administrar e expandir a participação dos leigos? Romanos 16:5; Colossenses 4:15.
3. Por que a década de 1870 foi tão produtiva em crescimento de novas igrejas e membros? O que podemos mudar atualmente, se considerarmos os conselhos do Espírito de Profecia?





Pequeno Grupo para o *Tempo do Fim*

A população mundial tem crescido muito rapidamente nos últimos anos. No passado foram necessários 1500 anos para que se registrasse uma duplicação da população. A última duplicação que se registra, no entanto, levou apenas 70 anos. Isso revela uma aceleração no crescimento que a Igreja precisa se programar para acompanhar.

Se antes poucos membros eram suficientes para impactar na pregação do evangelho, hoje é cada vez mais necessário que um número maior de obreiros leigos se dedique ao serviço.

Estudos revelam dados interessantes sobre o crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos. Usaremos algumas informações deste estudo para refletir sobre nossa realidade e antever necessidades da Igreja no Brasil.

Envolvimento do Membro Adventista Na Missão

Segundo pesquisa com a Igreja norte-americana, aproximadamente 80% dos membros são inativos – somente assistem aos cultos. Apenas 20% estão envolvidos em um ministério.

Em relação ao evangelismo, de 3 a 10% dos membros da Igreja local estão plenamente envolvidos em dar estudos bíblicos, fazer visitação, ou atuar em algum ministério dirigido especificamente a não cristãos. Um aspecto interessante   que Igrejas adventistas novas crescem em média 10 vezes mais que as Igrejas antigas. Roger Dudley Andrews. (já que está citando este nome, precisa informar onde Roger escreveu isso, p. e ano)

O que os dados de baixo envolvimento dos membros da



Igreja no modelo congregacional tem a ver com os Pequenos Grupos? “Cada Pequeno Grupo será uma pequena igreja-lar com novo entusiasmo e motivação, e o pequeno grupo é o método mais efetivo para fundar novas congregações. Além disso, dará oportunidade a mais membros se envolverem ativamente na missão”. (É preciso revelar onde isto está escrito e por quem foi).

O Fator Amizade

Outro estudo revela que um membro recém batizado necessita ter no mínimo sete amigos na Igreja durante seu 1º ano de conversão ou provavelmente apostatará. (É preciso revelar a fonte, principalmente porque é amplamente divulgado na Igreja e na mídia da Igreja que são 6 amigos) Se isso é tão importante para a conservação do novo membro, precisamos criar condições para que nosso convívio seja propício ao vínculo de amizade.

Em contrapartida, dados levantados entre 1.700 adventistas mostram que metade deles tem menos de cinco amigos não Adventistas. Não podemos alcançar

aqueles a quem não conhecemos. Os Pequenos Grupos são muito fortes em companheirismo e amizade, são ambientes perfeitos para atrairmos pessoas.

O Crescimento Populacional

A população mundial no tempo de Cristo era equivalente à dos EUA em 1995. Cerca de 1.500 anos depois, no século XVI, época de Lutero, havia se duplicado. No ano de 1.800, aproximadamente 300 anos depois, duplicou-se novamente. Em 1930, apenas 130 anos mais tarde, duplicou-se outra vez. No ano 2000 uma nova duplicação se deu em apenas 70 anos, chegando a 6,5 bilhões de habitantes. Estima-se que em menos de 50 anos voltará a duplicar-se. Isto significa que há cada vez mais pessoas que necessitam conhecer a Jesus! E a pregação do evangelho precisa influenciar com maior abrangência e velocidade.

Como o Pequeno Grupo pode ajudar neste caso? O desafio de alcançar todas as pessoas com o evangelho nos aponta à necessidade de métodos mais eficazes. O trabalho em Pequenos Grupos

envolve a maioria dos membros no estudo e no testemunho. Também abre mais possibilidades para o alcance de pessoas, visto proporcionar reuniões informais, onde a Palavra pode ser estudada de forma mais dinâmica e participativa. Pessoas que não vão à Igreja por preconceitos ou outros motivos poderão ir ao lar do seu vizinho, para uma reunião de oração e estudo da Bíblia.

Os membros de um Pequeno Grupo criam laços de amizade e companheirismo e tendem a cuidar uns dos outros. Sentem-se como uma família e ficam à vontade para trazer amigos, vizinhos e parentes às reuniões.

Características das Pessoas de Hoje

O estudo também revela uma tendência das pessoas em nossos dias: elas se caracterizam por viver em seu próprio mundo, preferem estar em suas casas a frequentar uma reunião pública.

Enclausurar-se é um comportamento que está na moda nos últimos anos. Diz respeito àqueles que preferem se esconder do resto da sociedade, aos que estão

muito cansados para fazer qualquer coisa além de ficar em casa. Um resultado interessante desta tendência é visto em uma pesquisa recente para determinar qual a pizza preferida dos consumidores norte-americanos. A pizza da rede Pizza Hut foi a favorita quanto ao sabor, mas curiosamente a que possuía maior venda era a pizza da Domino's. Por quê? Porque a rede Domino's entrega em casa; e a Pizza Hut, na maioria das lojas, não possui este serviço. O consumidor está disposto a comer a "segunda", abrir mão de sua preferência, a fim de ficar em casa.

Refletindo nesta característica, podemos sonhar e trabalhar para a existência de uma Igreja que vá além dos seus muros e se revele uma comunidade de amor, onde cristãos são nutridos e aqueles que não conhecem a Cristo são alcançados em seus lares, ou em lares de vizinhos e amigos, em lugares de aconchego, sem formalidade, sob um teto amigo, enfim, em casa.

A Igreja é bem mais do que encontros semanais formais. Ela é essencialmente pessoas trabalhando por outras pessoas. Para Brad Smith, (dar referências) a tendência da igreja no século XXI, é voltar-se para Efésios 4. Ou seja, equipar e treinar seus membros para que testemunhem e busquem as pessoas onde elas estão.

Dados assim nos ajudam a entender porque o evangelismo mais efetivo hoje é o relacional ou baseado em relacionamentos. E o trabalho em Pequenos Grupos

é o evangelismo que alcança as pessoas onde elas estão.

A Finalização da Obra

Quando a obra será concluída?
"A obra de Deus na Terra nunca poderá ser finalizada enquanto os homens e mulheres que compõem nossa igreja não cerrem fileiras, e juntem seus esforços aos dos ministros e oficiais de igreja." Obreiros Evangélicos, p. 352.

Quando virá a Chuva Serôdia?
"Quando tivermos uma consagração completa, de todo o coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse fato mediante um derramamento, sem medida, de Seu Espírito; mas isso não acontecerá enquanto a maior parte dos membros da igreja não forem cooperadores de Deus." Review and Herald, 21 de julho de 1896.

Assim como na igreja primitiva, receberemos o derramamento do Espírito Santo, na Chuva Serôdia. Serão tantas as conversões que não conseguiremos construir congregações suficientes para atender a todos. As Igrejas nos lares serão, então, o lugar preparado por Deus para receber os novos conversos e alicerçar sua fé em Cristo.

No tempo de perseguição as reuniões públicas serão impedidas. Mas as reuniões nos lares subsistirão. Na vida de oração, testemunho, estudo da Bíblia e relacionamento mútuo de um Pequeno Grupo estão o Sonho de Deus para os desafios finais da história de Seu povo.

"Os grupos pequenos evangelizam, alimentam e apóiam aos membros em seu ministério. Uma vantagem é que o pastor poderá supervisionar muitas igrejas de uma maneira mais fácil, porque os membros da igreja ministrarão os membros dos grupos." QUAL A REFERÊNCIA DESTA CITAÇÃO?

Kurt Johnson pondera: "Para ser fiel às Escrituras e à Ellen White, os Pequenos Grupos não podem permanecer como uma parte opcional da vida da igreja. Os Pequenos Grupos devem chegar a ser ponto central ao redor do qual girem os outros eventos da igreja". DADOS DO REGISTRO DESTAS PALAVRAS DE KURT.

*Por Mono Mono Mono
Função/origem*

Discussão:

1. Temos carência de pessoas envolvidas na missão. De que forma a ação em Pequenos Grupos contribui na melhora desse aspecto? Leia o mandamento de Jesus em Mateus 28: 19.
2. O que precisamos fazer para que venha a Chuva Serôdia e para que a obra seja concluída? Leia também Mateus 24: 14. O que isto tem a ver com os Pequenos Grupos?
3. Relacione o Pequeno Grupo com a oportunidade de ir ao encontro das pessoas, de ganhar confiança e amizade delas; contraste isso com o rápido crescimento populacional. Comente suas conclusões.



Ellen White e a *Reunião Social*

Reuniões sociais são ocasiões em que gostamos de estar presentes. São encontros interativos e dinâmicos nos quais podemos nos alongar porque se revelam prazerosos. A Igreja Adventista em seus primórdios foi estimulada a vivenciar tais reuniões. Elas tinham o cunho espiritual certamente, mas a interatividade entre os presentes aflorava em participações, testemunhos e trocas de experiências que iam muito além do formalismo religioso.

Ellen White foi precursora delas e trabalhou para implantá-las

nas comunidades Adventistas que pode visitar. Sabia que estas reuniões manteriam o povo de Deus ligado e identificado uns com os outros e possibilitariam uma vivência mais fervorosa de sua fé. Recomendou, ensinou e dirigiu muitas destas reuniões, que se revelaram proveitosas e deleitosas aos seus participantes.

A Precursora

Provavelmente ninguém escreveu mais sobre as primitivas reuniões sociais Adventistas do

que Ellen Gould White. As quase trezentas referências às reuniões sociais em seus escritos nos dão uma ideia de sua importância na vida da Igreja Adventista primitiva. Em seus registros as reuniões sociais eram principalmente reuniões de testemunho, onde breves relatos eram dados sobre a jornada espiritual de alguém:

“Tivemos uma reunião social. Muitos testemunhos foram dados e muitas confissões feitas regadas a lágrimas. Foi uma reunião proveitosa.” Manuscrito 29 (1887), 267.

“A reunião social das cinco horas essa manhã foi a melhor que já tivemos. Irmão estava de joelhos confessando para irmão; havia corações quebrantados, lágrimas, perdão e regozijo. Esperamos ver mais da salvação de Deus antes que essa reunião termine.” Sinais dos Tempos (maio 6, 1880).

A atmosfera dessas reuniões era confortável e as pessoas ficavam à vontade para compartilhar seus problemas e erros. Era uma ocasião em que também se faziam confissões.

Disseminando o modelo

A reunião social era de tal importância para os Adventistas primitivos que quando Ellen White viajou para a Europa entre 1885 e 1887, e descobriu que os europeus não haviam sido apresentados a este modelo, imediatamente procedeu à prática: “Eu falei no período da manhã, e então o Pastor Conradi disse que jamais haviam tido uma reunião social. Eu lhe disse que agora era a hora de começar. Tivemos uma reunião social muito boa. A reunião não acabou antes de uma hora. Havia começado às dez.” Manuscript Releases – Lançamentos de Manuscritos, vol. 16, pág. 251.

Ellen White considerava a reunião social vital para a espiritualidade da igreja. Não podia imaginar a igreja sem tais reuniões. Muitas vezes a realizavam em grandes eventos Adventistas, tais

como reuniões campais e sessões da Conferência Geral. Este modelo de reunião ampliou a integração da Igreja Adventista em comunidade. Tornou-se importante elo de identificação entre os crentes. Ellen White chegou a afirmar que cristão é quem está presente nas reuniões sociais:

“O cristão é um homem ou uma mulher semelhante a Cristo, que é ativo no serviço de Deus, que está presente nas reuniões sociais, cuja presença animará também os outros. Religião não consiste em obras, mas religião trabalha; não é dormente.” Comentário Bíblico ASD, vol. 7, (935).

O evangelista João Wesley via o envolvimento nas reuniões das classes relacionais como um requisito para ser membro. Ellen White parece compartilhar do mesmo sentimento sobre a reunião social. Conquanto não tenha indicado isso como condição para ser membro, ela claramente destaca essa prática no cristianismo.

Instrumento de trabalho

A interação relacional implica no desenvolvimento espiritual dos membros de uma comunidade. Portanto, reuniões que promovem esta interação revelam-se excelentes instrumentos para a condução do rebanho de Deus. Ellen White aconselhou que conduzir reuniões sociais deveria fazer parte do treinamento de pastores mais jovens:

“Nossas reuniões campais deveriam ser como uma escola de treinamento para nossos ministros mais jovens. Eles deveriam aprender que toda sua obra não consiste em pregar. Precisam saber como conduzir sabiamente as reuniões sociais, como ensinar as pessoas a trabalharem, para que não haja ninguém ocioso na vinha do Senhor..”. Sinais dos Tempos, maio 17, 1883.

Note que Ellen White considerou as reuniões sociais como ambiente promissor para o treinamento do povo de Deus. Tanto para pastores quanto leigos. A ideia de que a Igreja local necessita da constante atenção do pastor para sobreviver nunca teve apoio inspirado nos escritos proféticos. Isso poderia encher a Igreja de “fracos religiosos”. Testemunhos para a Igreja, vol. 7, pág. 58. A vida na Igreja local deve ser mantida não por cultos de pregações, mas pelas reuniões sociais relacionais.

É através da reunião social que os membros adquirem a experiência necessária para testemunhar livremente sua fé ao mundo. A negligência em participar destas reuniões pode explicar porque tão poucos cristãos compartilham sua fé hoje.

Como devem ser as reuniões sociais

Ellen White aconselhou como realizar essas reuniões sociais:



“Falas e orações longas e tediosas estão fora de lugar em qualquer lugar, especialmente nas reuniões sociais. Elas cansam os anjos bem como as pessoas que as escutam... Deixe o Espírito de Deus invadir o coração dos adoradores, e varrerá dali toda formalidade e enfado.” Evangelismo, pág. 348.

A reunião social deve ser espiritualmente viva – não é momento para reclamar e semear sementes da escuridão: “Não devemos trazer reclamações e murmúrios para os nossos testemunhos nas reuniões sociais.” Sinais dos Tempos (março 16, 1882).

Contudo, após a morte de Ellen White em 1915, as reuniões sociais acabaram gradualmente e foram substituídas pelas reuniões de oração. Eventualmente as Igrejas Adventistas começaram a

modelar seus cultos pelos de outras igrejas protestantes. Muitas dessas igrejas haviam estabelecido um clero para dirigir os cultos, tal modelo foi gradativamente substituindo as reuniões sociais do Adventismo. As reuniões de oração se degeneraram. Em vez de um momento para compartilhar testemunhos e orações, tornaram-se outro momento para a pregação pastoral e cognição bíblica, seguida de oração.

Nosso desafio

O elemento relacional foi inteiramente perdido na maioria das Igrejas. A ênfase no cognitivo e a desvalorização das experiências relacionais obscureceram o equilíbrio do Adventismo primitivo.

A Igreja que em seus primórdios

conseguia dinamizar o Evangelho na vida de seus membros e partilhar experiências que encorajavam e promoviam a fé, deu lugar ao comodismo em suas reuniões, abrindo mão da fervorosa experiência que vem da comunhão verdadeira daqueles que têm a mesma fé. É possível hoje que alguns membros considerem erradas as primitivas reuniões. Mas foram promovidas por Deus para manterem os corações dos crentes próximos, aquecidos e firmes num mesmo propósito. É chegada a hora de incluirmos pequenos grupos relacionais semanais ao calendário Adventista, e não só isso, mas valorizá-los a ponto de se tornarem vitais a nossa fé. Eis o desafio de nossa herança Adventista.

Por Mono Mono Mono
Função/origem

Discussão:

1. Por que Ellen White se dedicou tanto para que as reuniões sociais fossem realizadas regularmente na Igreja? Como eram as reuniões sociais do Adventismo primitivo?
2. Como as reuniões sociais podem se tornar um instrumento para nossa fé e para a pregação do evangelho?
3. O que aconteceu com as reuniões sociais de pequenos grupos na Igreja Adventista após a morte de Ellen White? Em sua opinião por que isto aconteceu?



Ellen White e os *Pequenos Grupos*

A reunião social Adventista primitiva era similar à nossa experiência moderna do Pequeno Grupo. A existência destas reuniões agregava valor aos encontros da comunidade cristã. Não substituíam cultos formais, mas acrescentava dinamismo e interatividade e poder aos participantes.

Tal quais estas reuniões, o Pequeno Grupo é uma das melhores maneiras de atingir uma dinâmica relacional em nossas Igrejas modernas, desde que esses pequenos grupos sejam relacionais e não cognitivos.

Alguns sugerem transformar as classes da Escola Sabatina em Pequenos Grupos. Contudo, se as classes se tornarem essencialmente relacionais, perderemos o elemento cognitivo. Não podemos fazer isso – ou ficaremos desequilibrados na direção oposta. O que a Igreja precisa é de equilíbrio entre o cognitivo e o relacional.

Definição contextualizada

“Pequeno Grupo” é um termo bastante moderno que é usado

para descrever a formação de um ajuntamento de pessoas para nutrirem e cuidarem uns dos outros, bem como para prover um lugar seguro para convidar descrentes. Ellen White raramente usou o termo “Pequeno Grupo”. Evidentemente não era a expressão usual em seus dias. Contudo, ela abordou seu conceito. Ao fazê-lo, usou o termo “pequenas companhias”. Mas, como veremos, o significado é o mesmo.

“A formação de pequenas companhias como base do esforço cristão foi-me apresentado



por Um que não pode errar. Se há um grande número de pessoas na igreja, que os membros sejam organizados em pequenas companhias, para trabalharem não só pelos membros da igreja, mas pelos descrentes. Se em algum lugar há somente dois ou três que conhecem a verdade, que eles formem uma equipe de trabalhadores.” Testemunhos para a Igreja, vol. 7, pág. 21, 22.

Ellen White não poderia ter se expressado mais claramente. A Igreja Adventista deve ser edificada sobre o ministério dos Pequenos Grupos. Os que se opõem a isso estão em desarmonia com a Bíblia e com o Espírito de Profecia.

A orientação para que até dois ou três crentes formem uma pequena companhia ou equipe de trabalhadores indica que o propósito não é só criar unidades menores, mas que tal formata-

ção de membros que conhecem a verdade originará ampliação da comunidade.

Formatação segura

“Aqueles pequenas companhias que conhecem a verdade, com uma voz deveriam ordenar seu ministro que vá às ovelhas perdidas da casa de Israel. Todos deveriam procurar fazer trabalho individual por outro.” Review and Herald, 8/ Janeiro/1895.

Note que a condição propícia para enviar o Pastor ao trabalho pelos perdidos é o fato dos membros estarem estabelecidos em pequenas companhias ou grupos. Isso lhes dá uma condição segura, visto que estão unidos e envolvidos na missão.

O conselho para modelar a igreja em pequenos grupos foi repetido em muitos livros e artigos do Espírito de Profecia. Não

se tratava de uma orientação isolada, mas de um princípio prático. Quase todas as referências repetem o pensamento de que a ideia foi-lhe dada por “Um que não pode errar”.

A prática de dividir a congregação em grupos menores para oração e encorajamento também é incentivada durante as reuniões maiores. Ellen White não desestimulou grandes reuniões. Pelo contrário, as apreciava. Mas sentia faltar algo se o elemento Pequenos Grupos não estivesse presente.

“No sábado houve profundo sentimento na reunião; muitos vieram à frente para oração, vários que estavam dando seu primeiro passo para o lado do Senhor. Após a oração por esses, eles se retiraram em pequenas companhias para várias tendas, e um ministro foi escolhido para cada tenda onde se reuniram, e a

obra, que havia iniciado na tenda grande, continuou ali. Essas reuniões eram caracterizadas por sentimentos profundos”. Sinais dos Tempos, (23, out./1879).

Ellen White também anteviu que por ocasião da perseguição a Igreja grande não mais existiria, e a única maneira de sobrevivência da Igreja seria em pequenos grupos. SERIA INTERESSANTE A CITAÇÃO REFERENTE A MENÇÃO AQUI. (Manuscript Releases vol.17, 350).

Finalidade dos Pequenos Grupos

As afirmações mais significativas de Ellen White com relação aos Pequenos Grupos se referem ao seu uso como base para evangelismo. Nunca defendia o evangelismo “solo”, mas uma atividade apoiada pela comunidade de crentes: “Pequenas companhias de obreiros, sob a sábia direção de professores consagrados, deveriam estar saindo para os campos necessitados”. Testimonies, vol. 7, 195.

Uma Igreja verdadeira, tal qual a Igreja do Novo Testamento, subsiste em comunidade, com o estudo da Bíblia e oração, conduzida em Pequenos Grupos organizados.

“Que pequenas companhias se reúnam à noite, ao meio dia, ou cedo de manhã para estudar a Bíblia... Que tenham um período de oração. Anjos de Deus estarão em seu meio. Que testemunhos

vocês poderão dar dessa amizade feita com seus colegas obreiros... Que cada um conte sua experiência com palavras simples”. Testimonies, vol. 7, pág. 195.

Ellen White exemplificou o sucesso do trabalho em pequenas comunidades em sua juventude. Com um grupo de amigas se reunia e orava pelos amigos que estavam longe de Cristo até que cada um deles tivesse se sujeitado a Cristo novamente. Conhecia, por experiência própria, o poder de pequenos grupos orando por pessoas perdidas. Tal poder não pode ser subestimado.

Base do trabalho da Igreja

Pequeno grupo é a base sobre a qual o ministério deve ser conduzido na Igreja, em nossas escolas, e até mesmo na obra de publicações. Para Ellen White os Pequenos Grupos não eram simplesmente um programa da Igreja, mas o princípio catalisador de todo o potencial disponível em seus membros.

A existência de uma Igreja sem Pequenos Grupos atuando na comunidade era algo desconhecido para Ellen White. Suas pregações, conselhos e prática, apontavam para uma Igreja com pequenas equipes ativas no serviço. Em visão profética viu um grande reavivamento ocorrendo na Igreja de Deus no fim dos tempos. Tal reavivamento promoverá o retorno às reuniões de Pequenos Grupos.

Ellen White deixou um importante legado de admoestações, conselhos e o registro de sua prática consoante aos Pequenos Grupos relacionais. As experiências de Pequenos Grupos vividas em oração, estudos bíblicos, testemunhos, encorajamento e cuidado mútuo, resultam em conversões sólidas de pessoas que dão início a vida espiritual comprometidas com o reino de Deus. Opor-se a este ministério é rejeitar o conselho dado por Deus através da pena inspirada. É chegada a hora de restaurarmos o ministério dos Pequenos Grupos ao seu devido lugar, a fim de que possa ser restabelecido como base e ao mesmo tempo propulsor de nossa missão.

Por Mono Mono Mono
Função/origem

Discussão:

1. Em sua opinião, porque Deus diz que o Pequeno Grupo deve ser a base do esforço missionário da Igreja?
2. Por que em uma Igreja baseada em Pequenos Grupos os membros se tornam menos dependentes do pastor?
3. Ellen White diz que “Um que não pode errar” apresentou a ela o projeto dos Pequenos Grupos. Que segurança isto nos traz?
4. Qual a relação dos pequenos grupos com o tempo do fim?



Vida em *Comunidade*

Nos últimos anos, o fenômeno dos Pequenos Grupos tem se espalhado por toda a América do Norte e pelo mundo. Tanto na Igreja Adventista como em outras denominações, esse movimento está realmente transformando as congregações. Muitas comunidades Adventistas começaram o processo de reinventar suas Igrejas com base nos Pequenos Grupos. Há muito interesse em pequenos grupos entre nós atualmente. Estamos voltando ao ideal bíblico de comunidade.

É possível que nos acostume-mos a viver em congregações sob

o mesmo clima de indiferença que permeia as relações no mundo. Amamos a verdade e o conhecimento bíblico e nos comportamos como se pertencer a uma grande classe de estudos fosse tudo o que vamos fazer no Céu. Esquecemos que a verdade nos dá unidade de pensamento, mas é o amor e companheirismo, o trabalho desinteressado pelo outro e a parceria em ações missionárias que nos mantém como família.

Deus e a comunidade

Os seres humanos são basicamente seres sociáveis. A necessi-

dade de viver em comunidade foi criada por Deus e é inerente ao ser. A Bíblia diz que fomos criados à imagem de Deus, isso nos faz achar a causa da nossa natural interdependência, visto que o próprio Deus também vive em comunidade.

O Deus da Bíblia sempre existiu – o Deus Único que criou o Céu e a Terra. Contudo, Sua qualidade de “Único” não está expressa em singularidade, mas em trindade. O Deus bíblico nunca é apresentado nas Escrituras como uma entidade singular, mas como uma pluralidade que é “um”. Os

três membros da Divindade – Pai, Filho, e Espírito Santo – são três pessoas distintas, mas uma em caráter, unidade, e propósito.

É nesse sentido que a divindade é essencialmente um Pequeno Grupo. A Trindade é a comunidade perfeita e fornece as orientações de como verdadeira comunidade deve ser. Percebemos que Deus nos chamou para ajudar a restaurar pessoas à Sua imagem. Precisamos reconhecer que para restauração da imagem de Deus em Suas criaturas o convívio em comunidade também precisa ser restaurado.

Inseparável da missão Adventista está a restauração da comunidade de filhos e filhas de Deus, a própria missão se traduz em amor e cuidado uns pelos outros, fortalecendo-se para manifestar interesse e cuidado por outros que ainda não pertencem a comunidade de crentes.

Sob tal visão, os Pequenos Grupos estão no centro da missão Adventista, no centro da busca do que é essencial ao ser humano e vital a raça caída: unidade. O próprio Deus nos dá exemplo dessa unidade. Restaurar a imagem de Deus é também oportunizar a vida cristã em comunidades unidas, é levar pessoas a pertencer.

Criação e Comunidade

A primeira atividade do Deus da comunidade sobre o plane-

ta terra foi a criação, e especialmente a criação do homem no sexto dia: E disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança.” (Gn 1:26)

O uso do plural “nossa” para descrever a imagem de Deus aponta para o fato que a imagem de Deus é comunidade. O Deus que existe em comunidade criou seres que devem existir no mesmo tipo de singularidade em comunidade.

No sexto dia, o pequeno grupo de Deus aumentara para cinco pessoas: Adão, Eva, e o Deus Trino. “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18). Uma das principais características do pecado é a tentativa de viver à parte da comunidade, viver isolados dos outros. Não há verdadeira humanidade à parte da comunidade como reflexo da imagem divina.

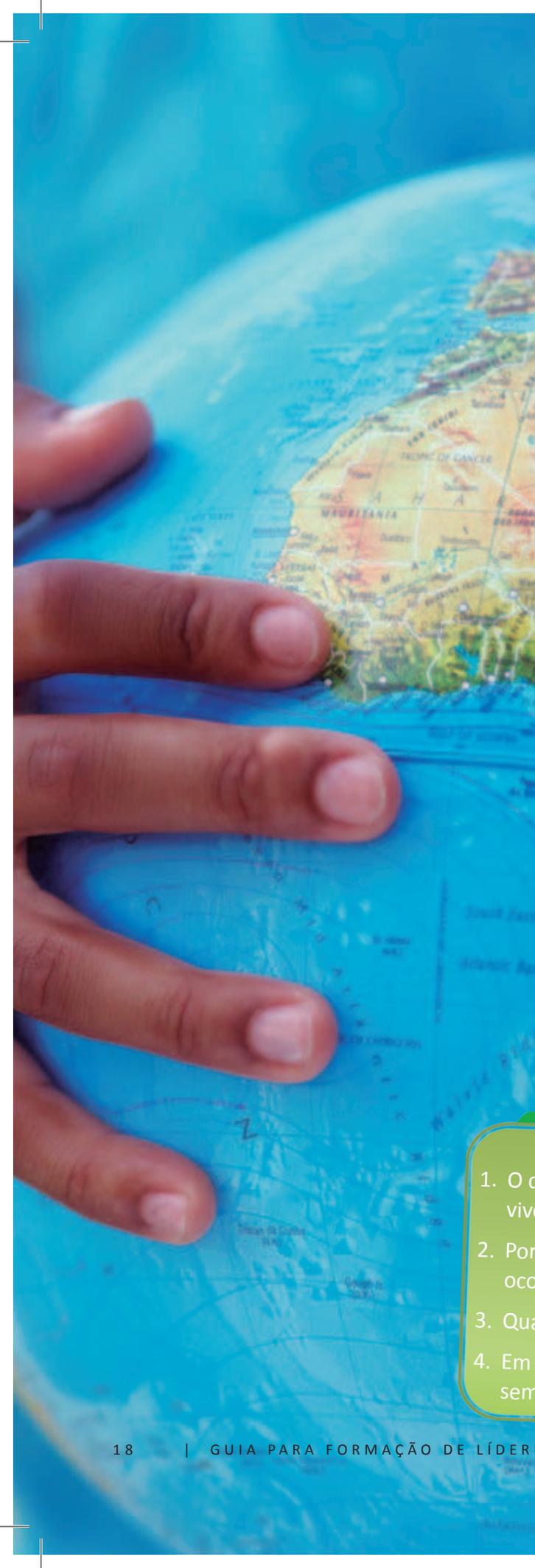
A essa perfeita comunidade que Deus criara, Ele deu uma ordem bem clara: “Frutificai, e multiplicai-vos e enchei a terra” (Gn 1:28). Nessa primeira “célula” que Deus criara bem no início da história da humanidade, Deus colocou um código genético da reprodução. A comunidade genuína existe para se multiplicar. Qualquer comunidade que não esteja envolvida em se multiplicar é uma comunidade destrutiva. Inerente a qualquer compreensão de pequenos grupos “células” está a mais básica das funções: grupos “células” sau-

dáveis estarão se multiplicando. Não só devemos os Adventistas estar criando essas comunidades, como também devemos estar envolvidos em multiplicar comunidades saudáveis.

Se formos refletir a imagem divina em nossa igreja, é imperativo que desenvolvamos uma igreja com respeito pela comunidade. Deus pretende que vivamos em interdependência de uns com os outros e não em competição. Esse conceito de interdependência na comunidade está enraizado no Deus Trino e na própria criação que Ele fez à “Nossa” (plural) imagem. Deus não cria sociedades de uma pessoa, apenas comunidades. O Deus que vive em comunidade, deseja ver seus filhos em pequenas comunidades.

A ramificação prática de se ver Deus como criador da comunidade é a de ver nossa necessidade absoluta de vivermos em comunidade com outros cristãos. Não há Cristianismo à parte de comunidade. Por mais que as pessoas tentem, jamais poderão ser restauradas à imagem de Deus sem envolvimento numa comunidade.

Biblicamente, precisamos de comunidade para cumprirmos nossa arrancada em direção ao esforço de refletir a imagem de Deus. Essa percepção de interdependência com outros é parte do formato de nossa criação. Jamais seremos completos sem dar

A close-up photograph of a hand with fingers spread, pointing towards a map of the African continent on a globe. The globe is blue and white, and the map shows various countries and geographical features. The hand is positioned on the left side of the frame, with the index finger pointing towards the center of the map.

de nós mesmos aos outros e sem receber da singularidade deles. Para crentes, o estar em Cristo é estar em relacionamento com outros em Seu corpo.

O Propósito da Comunidade Bíblica

Deus realmente criou os seres humanos para viverem em comunidade, exatamente como a Trindade vive em comunidade. Contudo, a função original do sábado não era descansar, e esse não deve ser o foco principal hoje. Adão e Eva não tinham necessidade de descansar, naquele primeiro sábado. Eles não haviam trabalhado.

Não é um sábado para comemorar o descanso do homem. É uma celebração do descanso de Deus. Adão e Eva precisavam conhecer o Deus que os criara. Desse modo Deus os convidou a passarem suas primeiras vinte e quatro horas em comunidade com Ele. O sábado foi dado como um tempo para seres humanos entrarem em relacionamento com Deus. Precisamos ter um dia especial para enfatizar comunidade. Muitas vezes descobrimos pessoas “guardando” o sétimo dia, mas totalmente divorciados da construção de um relacionamento com Deus e com outros cristãos.

O Deus dos relacionamentos criou o ser humano não só para viver em comunidade uns com os outros, mas também para viver em comunidade com Deus. Os Adventistas, de todos os Cristãos, deveriam estar pregando e demonstrando os resultados de se viver em comunidade no sétimo dia.

Por Mono Mono Mono
Função/origem

Discussão:

1. O que o exemplo da trindade nos ensina sobre a necessidade de vivermos em comunidade?
2. Por que a restauração do homem à imagem de Deus só pode ocorrer no contexto de comunidade?
3. Qual o principal objetivo do sábado?
4. Em sua opinião, por que é impossível restaurar a comunidade sem os pequenos grupos?



Pequenos Grupos: *O Centro da Vida para a Igreja*

Os Pequenos Grupos não são mais uma programação na já lotada agenda da Igreja. Se fora assim, haveria popularidade por certo tempo e depois o esquecimento. A proposta é que os Pequenos Grupos se tornem o princípio organizador de toda a Igreja. Tudo o mais deve estar fundado sobre eles.

Duas coisas devem ocorrer numa igreja antes que o ministério de Pequenos Grupos seja iniciado:

Primeiro: o senso de missão deve ser redescoberto. A igreja precisa redescobrir o interesse pelas pessoas perdidas e sentir grande necessidade de alcançá-las.

Segundo: a confiança no ministério leigo deve ser restaurada. Todos os crentes são ministros, e o pastor é orientador e provedor do laicato para o ministério.

Na maioria das Igrejas os Pequenos Grupos têm sido opcionais. O culto sábado pela manhã é considerado “o evento” mais importante que todos os crentes



devem frequentar. Na igreja do futuro, o encontro semanal de Pequeno Grupo terá a mesma importância.

Na Igreja bíblica do século XXI as pessoas terão o Pequeno Grupo como porta de entrada, ao contrário da entrada impessoal de um grande culto. O pequeno grupo evangelizará, cuidará, e apoiará as pessoas em seu ministério por Cristo. Hoje muitas delas não constroem relacionamentos por não sentirem pertencer a uma comunidade.

A Estrutura da Igreja Bíblica do Século XXI

Na estrutura da Igreja bíblica do século XXI, haverá a necessidade de uma base de apoio para os líderes dos grupos. Isso exigirá

do pastor contínuo treinamento de novos e já existentes líderes de pequenos grupos.

A Igreja poderá desenvolver uma estrutura de apoio similar à que Moisés desenvolveu sob orientação de Jetro. Havia líderes de dez, cinquenta, cem, e mil. O líder de dez, nesse modelo, seria o líder de um Pequeno Grupo, o líder dos cinquenta seria um supervisor leigo que atenderia a cinco líderes de Pequenos Grupos. O líder de cem supervisionaria dez líderes de Pequenos Grupos. O líder de mil seria provavelmente o pastor que supervisionaria e treinaria os líderes de cinquenta e de cem.

A escolha dos líderes deve pausar a experiência missionária dos membros. Seria aconselhável que aqueles que já trabalharam para

ganhar almas para Cristo ocupassem o lugar de liderança, a fim de que ensinassem e estimulassem com seu próprio exemplo.

Cabe aos líderes da Igreja fazerem do Pequeno Grupo o centro de sua organização. A vida da Igreja e todos os seus projetos devem estar formatados nos Pequenos Grupos.

Estudo da Bíblia e Pequenos Grupos

Deve-se estudar a Bíblia nos Pequenos Grupos, sem o estudo da Palavra serão reuniões sem poder. Todo o aprendizado bíblico deve ser transversalizado com a vida, o cotidiano e as questões relacionais. Na verdade, os aspectos relacionais serão parte pulsante da vida dos Pequenos Grupos. Nesse sentido eles serão como as primitivas reuniões sociais adventistas.

Jamais devemos abandonar o estudo da Bíblia numa tentativa de enfatizarmos os relacionamentos. Mas também não podemos negligenciar o aspecto relacional em nome da Verdade bíblica. Há perfeito equilíbrio entre ambos. A Verdade é a revelação de boas novas para pessoas que têm sentimentos, necessidades, sonhos e precisam reencontrar a Deus. As pessoas precisam ser alcançadas pela Verdade em seu contexto histórico.

A dinâmica do Pequeno Grupo

Todos devem ser membros do Pequeno Grupo. Participar deles na Igreja do futuro não é opcional. No estudo sobre reuniões sociais, vimos que Ellen White diz ser cristão aquele que frequenta as reuniões sociais. Se os Pequenos Grupos são um resgate dessas reuniões, é difícil imaginar um cristão não envolvido em um Pequeno Grupo.

Em uma reunião de Pequeno Grupo, depois de partilharem as experiências da semana, os crentes passarão algum tempo orando uns pelos outros e pela salvação de pessoas perdidas. Não serão orações mecânicas, mas orações sinceras e do coração que revelam sua experiência em Cristo. O estudo da Bíblia será de natureza relacional e não cognitiva. O estudo cognitivo da Bíblia é reservado para a Escola Sabatina. No Pequeno Grupo a ênfase é sobre o que a Bíblia nos diz pessoalmente. Nesse estudo os crentes aplicam a Bíblia à sua vida diária.

Alguns tentaram fazer a Escola Sabatina combinar tanto o relacional quanto o cognitivo. Contudo, o modelo Adventista primitivo separou os dois. A experiência mostra que quando se tenta realizar os dois na Escola Sabatina ou no Pequeno Grupo, os resultados inevitáveis são uma ênfase exagerada no cognitivo e a negligência do relacional. Mas isso não significa que não há es-

tudo da Bíblia nas reuniões relacionais, há sim, e a ênfase está na aplicação do estudo à vida prática. Tampouco significa que não há aplicação do estudo à vida na Escola Sabatina. Deve haver. Mas a ênfase está em adquirir conhecimento das Escrituras.

A reunião semanal do Pequeno Grupo também deve reservar espaço para discussão do programa missionário do mesmo. Testemunhos de atividades missionárias serão bem vindos.

Os amigos visitantes sempre serão bem-vindos às reuniões de Pequenos Grupos. Tempo deve ser separado para aumentar o vínculo com essas pessoas. Enquanto elas continuam a vir aos encontros e à medida que despertam interesse, pessoas capacitadas para dar estudos bíblicos as atenderão em seus lares. Os interessados também serão convidados a participarem do culto de sábado com o Pequeno Grupo. Quando aceitarem a Cristo como Salvador, serão discipulados pelo grupo, batizados e reiniciarão o ciclo apoiados pelo grupo.

Tanto na Igreja Adventista primitiva como na Igreja cristã dos primeiros séculos, as pessoas comumente se convertiam em grandes eventos de pregação. A seguir se tornavam membros em pequenas congregações. Precisamos ter isso em mente para não concluirmos que a única maneira de alcançar as pessoas é no Pequeno Grupo. Muitos serão

ganhos para Cristo assim, mas haverá muitos outros que ingressarão no rebanho através dos grandes eventos evangelísticos. As duas abordagens são bíblicas.

Uma Igreja organizada em Pequenos Grupos poderá patrocinar uma série de reuniões evangelísticas ou um seminário de profecias com o objetivo de levar as pessoas que já estão estudando a tomar uma decisão por Cristo. A semana de colheita ou o evangelismo de colheita impressionam pessoas na tomada de decisão. Quando usadas agregadas ao trabalho dos Pequenos Grupos contribuem para aceleração do crescimento da Igreja.

Por Mono Mono Mono
Função/origem

Discussão:

1. Qual a importância do Pequeno Grupo estar no centro das atividades da Igreja e não como mais um programa? Porque não pode ser opcional?
2. Que qualidade é imprescindível para a escolha de um líder de Pequenos Grupos?
3. Porque a classe da escola sabatina não pode substituir o Pequeno Grupo dos lares?
4. Qual a importância de unir o evangelismo público de colheita com os Pequenos Grupos?



O Modelo *Bíblico*

O Antigo e o Novo Testamentos apóiam a organização da Igreja com base nos Pequenos Grupos (Ex 18:13-23; Nm 4:1-33; Mc 3:13-14; At 2:46; Rm 16:5; 1 Co 16:19; Cl 4:15; Fl 1:2; At 17:5,7; At 18:7; At 21:8; At 16: 15, 32,34,40; 1Co 1:16; 16:15; At 12:12). Para ser bíblica, a Igreja precisa estar centrada em pequenos grupos. A estrutura hierárquica que temos na Igreja local, com um pastor responsável, precisa mudar para um plano mais “circular” de organização. Na Igreja primitiva e na Igreja Adventista primitiva, os crentes eram ensinados a manter sua espiritualidade sem a ajuda do clero. O clero deve estar livre para fazer a obra que Deus ordenou que fizesse – evangelizar e implantar novas Igrejas.

O papel do Pastor

O pastor deve se reunir regularmente com os líderes dos Pequenos Grupos para se certificar

que permaneçam espiritualmente saudáveis. Nas atuais Igrejas institucionais, os pastores passam a maior parte de seu tempo simplesmente mantendo a máquina funcionando, cuidando dos programas que a Igreja opera. Tempo considerável também é passado ministrando às necessidades individuais dos membros. Voltando à base bíblica em que o cuidado com os membros compete ao Pequeno Grupo, aumenta o tempo para o pastor empreender em outras tarefas. Sugerimos:

Primeiro, o pastor deve passar tempo com os líderes dos grupos. Segundo, o pastor deve passar tempo significativo trabalhando para iniciar novos grupos, atividade semelhante a criar novas Igrejas. O foco dos novos grupos é alcançar novos crentes. São provenientes da multiplicação dos grupos existentes e da atividade evangelística.

Nesse modelo, os pastores se responsabilizariam perante a associação pela multiplicação de seus grupos. Portanto, muito de seu tempo passaria a ser usado para treinamento dos líderes dos novos grupos da Igreja em expansão. O pastor delegaria poder aos líderes treinados e atuaria na formação de novos grupos e no constante treinamento. Dotados de autoridade, líderes leigos atuariam com mais comprometimento.

É possível?

O tipo de igreja que descrevemos aqui parece distante da maneira como atualmente “fazemos igreja”. Contudo, é claramente o modelo bíblico da Igreja como comunidade. Não só o Novo Testamento defende e pratica esse tipo de Igreja, mas o Adventismo primitivo também aprovou essa Igreja edificada de forma relacional e baseada em comunidade.

Voltar ao modelo bíblico pode ser um caminho difícil, está inclinado para isso, pois o inimigo coopera para que haja resistência. Mas os obstáculos não devem impedir que pessoas sinceras protagonizem o recomeço. O movimento na direção de restabelecer a igreja adventista relacional deve começar, e começar agora!

A Igreja existente e a nova

Nossas Igrejas tradicionais estão presas à rotina da Igreja institucional. Foram organizadas assim. É a única vida que conhecem. Não sobrou ninguém que se lembre do Adventismo dos dias da Igreja relacional. Nossa Igreja atual é estruturada em departamentos e principalmente baseada em programas. O novo paradigma é uma Igreja onde o Pequeno Grupo é o princípio organizador sobre o qual tudo mais está baseado.

Como fazemos a transição de um modelo para o outro? Não destruindo o velho modelo. Se tentarmos mudar a Igreja atual abruptamente para um novo paradigma, corremos o risco de estragarmos tanto o “vinho novo quanto o velho”. A transição tem que ocorrer lentamente para as Igrejas já existentes. Igrejas tradicionais podem nunca fazer a transição completa ao modelo bíblico. Deixemo-nas em paz. Em vez de eliminar a maneira antiga de fazer as coisas, acrescentemos Pequenos Grupos à situação já existente. Eventualmente esse “novo vinho” se firmará e se tornará o todo, enquanto o “velho vinho” morre lentamente. Mas se buscarmos eliminar com-

pletamente o velho para criar o novo, destruiremos os dois.

Dê bastante tempo para o Espírito Santo trabalhar. Quando Deus tirou Israel do Egito, levou quarenta anos para fazer a transição do pensamento hierárquico que tinham no Egito ao modelo pretendido. E levou mais tempo ainda para o Egito sair do povo. Esperamos que nossa geração não morra no deserto. São necessários líderes que guiem o povo, tal qual Moisés o fez do Egito para a terra prometida. É chegada a hora de guiar a Igreja de volta ao modelo bíblico. Deus chama por tais líderes agora.

A Igreja do futuro

É prioridade para a Igreja restaurar as reuniões relacionais. A Igreja precisa se tornar relacional ou deixará de ser a Igreja de Jesus Cristo. O modelo bíblico da Igreja de Cristo está sendo redescoberto atualmente não só na Igreja Adventista, mas em inúmeras Igrejas por todo o mundo. Deus está levantando pessoas em todo o mundo para guiar seu povo sincero ao novo paradigma. Carl George indicou que essa será a característica chave das Igrejas que irão sobreviver no século vinte e um. A maioria das outras morrerão.

Em poucas palavras, qual é o ingrediente ativo fundamental na Igreja do futuro? “Células em crescimento lideradas por ministros voluntários são o bloco fundamental de construção. Todo o resto pode ser racionalizado ao redor desse único conceito.” (George, *The Coming Church Revolu-*

tion – A Revolução em Breve na Igreja, 313).

Cristãos não podem mais viver em isolamento e formalismo – são chamados a viver em comunidade. Esse é o chamado de Deus no século vinte e um. Temos seguido o modelo da Igreja institucional, organizada por Constantino no quarto século por tempo suficiente. Podemos fazer melhor: É hora de criar uma Igreja edificada sobre fundamentos bíblicos. A Igreja Adventista se edificou sobre o que cremos ser uma plataforma clara de verdades bíblicas, mas precisamos agora criar uma plataforma clara de práticas bíblicas. Não é suficiente crer nas verdades da Bíblia. Essas verdades precisam ser vividas pelos que crêem na atmosfera prevista pelas escrituras. Os Adventistas começaram sua trajetória de fé baseados no modelo bíblico; agora é hora de retornar às raízes. É hora de abandonar o individualismo em favor de estabelecer comunidades bíblicas. Comecemos agora!

*Por Mono Mono Mono
Função/origem*

Discussão:

1. Qual o papel do pastor no modelo de Igreja baseada em Pequenos Grupos?
2. Como devemos fazer a transição de um modelo para o outro? O que Deus espera da geração atual?
3. Qual o papel da Igreja Adventista neste processo de retornar ao modelo bíblico de “fazer igreja?”



Reacendendo a Igreja Baseada em *Relacionamentos*

A encarnação de Jesus forma o cenário de fundo ideal para a compreensão do plano de Deus para seres humanos vivendo em comunidade. No raiar da era do Novo Testamento, a Igreja, como comunidade, fora perdida de vista nas lutas pelo poder entre Fariseus e outros. Em um cenário de dissensão, surge Jesus apresentando o amor, a aceitação e o perdão nas práticas do convívio. O que se estabeleceu como um movi-

mento cooperativo entre seus seguidores.

Depois de Jesus, a Igreja nunca mais seria a mesma. A disputa pelo poder e grandeza que afastava ou estigmatizava os fiéis, deu lugar ao amoroso ambiente das comunidades que O seguiam. Mais tarde, unidas pelo estudo das Escrituras e apoiadas no exemplo de Cristo, estas comunidades se espalhavam pelo oriente e por todo o mundo, a despeito da perseguição que sofriam.

Jesus e os Pequenos Grupos

Por três anos e meio Jesus ministrou no planeta Terra. Por vezes falou para grandes multidões, mas a maior parte de seu trabalho foi com um pequeno grupo de doze homens, aos quais chamava de Seus discípulos. Jesus passou poucos anos influenciando a poucas pessoas – os doze, também os setenta e as mulheres que O seguiam. Contudo, as marcas de sua influência mudaram o mundo para sempre.

Um ministério duradouro é formado pelo poder da influência delegada a outros. Não importa que sejam poucos. Se tiverem um convívio saudável, abençoados pelo Espírito Santo, ainda que seja um Pequeno Grupo, terão poder para alcançar a muitos. Os grandes pregadores do passado que tentaram alcançar multidões sem estabelecer um ministério de Pequenos Grupos inevitavelmente falharam em atingir resultados duradouros. Em contraste com isso, João Wesley que acompanhou sua pregação com o estabelecimento de Pequenos Grupos, não só viu um grande número de fiéis aceitarem a fé em Cristo, como também ingressarem no discipulado permanente.

Um grupo formado por doze foi a estrutura organizacional estabelecida por Jesus para realizar a Grande Comissão. Não houve nenhum grande esquema ou estratégia. Simplesmente organizou e treinou um Pequeno Grupo. E Ele mudou o mundo. O Deus que vive em comunidade veio ao mundo dar aos homens uma demonstração viva do que significa pessoas vivendo em comunidade.

Jesus investiu grande parte de Seu ministério preparando os discípulos para o viver em comunidades. Eles não confiavam uns nos outros, eram orgulhosos, preconceituosos e críticos. Era preciso desprendimento de suas

feições do mal para que Jesus pudesse habitar entre eles, e para que pudessem ser precursores do plantio de comunidades.

Comunidade e família

Os “doze” originais eram os doze filhos de Jacó – uma família. Jesus chamou os novos “doze”, a fim de serem uma nova família. A antiga família de Jacó demonstrou significativa fraqueza moral e espiritual. A nova família de Jesus foi chamada a sair deste exemplo destrutivo de vida. Deveriam ser a família dos reconciliados, bem como a família reconciliadora.

A nova comunidade de Jesus transpôs a família natural. Pessoas atraídas a Cristo são parte de Sua nova família. Jesus procurou estabelecer um recomeço – o Éden restaurado. Assim, para salvar a humanidade, Ele cria a comunhão entre irmãos. Os laços que existem na comunidade Cristã devem ser tão próximos quanto os de uma família natural.

Não descobrimos o individualismo no ministério de Jesus, mas a comunidade. Enquanto esteve aqui na Terra, Sua prioridade estava nos relacionamentos. Conquistou pessoas para o reino estabelecendo vínculos de amizade e confiança. Assim fundou Sua Igreja.

Comunidades abertas

Jesus enviou Seus seguidores para ministrar aos outros, porque

parte da vida em comunidade é ministrar fora dela. Jesus não os enviou sozinhos – Ele os enviou em duplas – pois novas comunidades devem surgir de uma atitude conjunta. Jesus declarou que Ele estaria conosco especificamente ao nos reunirmos em grupos de dois ou três. Podemos deduzir que ao vislumbrar a Igreja reunida em comunidades no futuro, Ele tinha em mente os Pequenos Grupos.

Ao contemplarmos a maneira como Jesus estruturou a Igreja e planejou seu crescimento, vemos que o Pequeno Grupo é a Igreja, não uma parte dela, mas sua própria essência. O modelo de Igreja que Jesus criou não é o daquela fixada em edifícios, mas a que vai aos que O precisam conhecer. Isso não quer dizer que igrejas grandes são um erro. A Igreja grande pode ser um lugar de ministério efetivo, desde que seja um conjunto de Pequenos Grupos. Se for somente um grupo grande, não é uma Igreja do Novo Testamento.

A Idéia de Jesus Sobre Comunidade em Pequenos Grupos

Os Pequenos Grupos são o meio para ser implantar o convívio em comunidades. O crescimento espiritual acontece ao interagirmos uns com os outros. Evidentemente o envolvimento em comunidade não é uma op-

ção para o cristão, é o próprio cristianismo. Os Adventistas têm sido grandes intérpretes do sacerdócio de todos os crentes. Nós claramente entendemos que o sacerdócio indica a possibilidade de cada crente de ir diretamente a Deus sem nenhum mediador, exceto Cristo. Contudo, há outra parte do sacerdócio que jamais devemos esquecer: as pessoas não podem ser sacerdotes à parte da comunidade onde servem. Não existe sacerdócio de si mesmo.

É nesse sentido que todas as passagens que citam “uns aos outros” no Novo Testamento se tornam muito significativas, pois descrevem o ministério do sacerdote – o ministério do cuidado mútuo. É um modelo que ensina aos crentes dependerem uns dos outros. É o modelo plenamente desenvolvido nas igrejas-lar, descrito no livro de Atos.

É possível que tenhamos medo dos Pequenos Grupos relacionais porque não queremos cuidar uns dos outros. Sem o cuidado mútuo, nossa comunidade se desfará. É comum vermos os incrédulos preocupados com si mesmos, correndo para atender suas próprias necessidades. Mas entre os seguidores de Cristo não pode ser assim. Ele mostrou que não considerou nada caro demais para deixar a fim de reatar relacionamento conosco; é capaz de parar de criar para ter um dia de deleite com os que criou. Que argumento apresentaremos para justificar nossa indiferença com o próximo, nossa obsessão em satisfação pessoal?

Comunidades genuínas e saudáveis se multiplicarão. Um Pequeno Grupo ou Igreja que não esteja se multiplicando, estabelecendo novas comunidades relacionais, é doentio. Certamente

darão bons frutos e implantarão novos Pequenos Grupos os que forem saudáveis em seu núcleo. Pequenos grupos relacionais são o coração do Cristianismo, e devem ser o coração da Igreja Adventista, se estivermos falando sério sobre voltarmos aos primórdios do cristianismo – onde a Igreja de Jesus estava baseada em relacionamentos. Uma Igreja relacional é uma das maiores necessidades de um mundo que sofre pela indiferença.

*Por Mono Mono Mono
Função/origem*

Discussão:

1. De que forma Jesus procurou restaurar a comunidade?
2. Por que o envolvimento em comunidade não é opção, mas essência da vida cristã?
3. Por que alguns têm medo de Pequenos Grupos relacionais?





As Reuniões Sociais no *Adventismo*

Quando o Adventismo surgiu, em meados do século XIX, as reuniões das classes metodistas estavam sendo substituídas pelas reuniões de oração. No movimento metodista era requerido de todos participassem na reunião semanal das classes realizadas nos lares, onde as pessoas se responsabilizavam por sua vida em Cristo. Aparentemente, os Adventistas primitivos vindos de raízes metodistas, tomaram emprestada a idéia de reuniões sociais das reuniões de oração, que estavam num período de transição das reuniões das classes. A maioria das reuniões sociais Adventistas era realizada após um culto e oferecia a oportunidade para as pessoas com-

partilharem pessoalmente o que o sermão dissera a elas.

Muitas vezes as reuniões sociais eram realizadas separadamente, em vez de acontecerem após um culto. Por isso o modelo Adventista parece ser uma combinação das reuniões das classes e das primitivas reuniões de oração metodistas após os cultos. Essas reuniões tornaram-se um fator distintivo do Adventismo primitivo ao se espalhar pelo mundo.

Os Pioneiros e a Reunião Social

Ao examinar as primeiras edições do periódico da Igreja Advent Review and Sabbath Herald, fica claro que as reuniões sociais eram consideradas uma parte regular da vida da Igreja para a maioria dos

Adventistas. Na verdade, essas reuniões parecem ter sido mais importantes para alguns crentes do que o próprio culto. A pregação podia ser, e freqüentemente era omitida, mas a reunião social jamais deveria ser negligenciada.

Uriah Smith, que durante muito tempo foi um dos primeiros editores da Review, definiu a primitiva reunião social adventista assim: uma reunião caracterizada por testemunhos espirituais e animadores da alma, o olhar brilhando, a voz de louvor, a exortação sincera e animadora, freqüentemente uma lágrima a rolar – cenas em que a fé e o amor novamente se ascendiam.

Como era o espírito dessas primitivas reuniões sociais adventistas?

As reuniões sociais eram marcadas por grande solenidade. Pecados eram confessados com lágrimas e havia um forte quebrantar do espírito diante de Deus, fortes pleitos por perdão e pelo preparo para encontrar o Senhor em Sua vinda.

Durante uma reunião social, 117 testemunhos foram dados em 53 minutos. Todos objetivos. As pessoas abertamente compartilhavam suas esperanças e sonhos, bem como suas lutas. Esse compartilhar de uns com os outros, não de verdades bíblicas, mas de experiência cristã, era uma parte vital do Adventismo primitivo.

Parece que as reuniões sociais eram variadas, mas os elementos comuns eram oração, testemunho, palavras de exortação, e cânticos. Os testemunhos expressos de forma objetiva faziam com que as reuniões não se tornassem cansativas e entediadas.

Incluía todos os elementos do que hoje chamamos de atividades de Pequenos Grupos, apesar dos adventistas primitivos usarem as reuniões sociais tanto para grandes grupos como para pequenos grupos. A questão é que essas reuniões eram realizadas somente por propósitos relacionais e para se responsabilizarem por sua vida em Cristo.

Como os adventistas primitivos se mantinham na fé sem um pastor fixo em seu meio? Estudavam a Bíblia e liam a Review individual e coletivamente. Contudo, sempre que se reuniam, tinham uma reunião social. Às vezes tinham a Escola Sabatina, mas essa era se-

guida por uma reunião social ao invés do culto. Foi principalmente através das reuniões sociais que os adventistas primitivos mantiveram sua vida religiosa. Dessa forma criaram comunidade entre eles.

Uma carta publicada numa das primeiras edições da Review, revela o grande desejo de um membro isolado de ter comunhão nas reuniões sociais com outros crentes. Era difícil manter a vida espiritual à parte da comunhão das reuniões sociais.

Frequentar as reuniões sociais regularmente era considerado um dever para os crentes. Na verdade, sentiam que isso era um dos primeiros deveres que as Escrituras haviam colocado sobre eles. Mesmo a frequência não sendo “imposta”, era certamente esperada de cada crente. Pessoas que deliberadamente se ausentavam das reuniões sociais eram consideradas em necessidade de ajuda espiritual.

“Reunimo-nos todos os Sábados para oração e reunião social. No início de cada Sábado nos encontramos para oração e exortação, pelo que recebemos uma bênção. A manhã de sábado é ocupada com uma reunião social, Escola Sabatina e classe bíblica”.

A prática de realizar reuniões sociais continuou até depois da orga-

nização da Igreja. O clero da Igreja Adventista primitiva era necessário para o estabelecimento de novas congregações – os crentes maduros não precisavam ouvir sermões. A reunião social, com seus testemunhos, orações, cânticos, e palavras de encorajamento mútuo, era mais satisfatória em sustentar a fé do que o sermão dos melhores pregadores da denominação em Battle Creek.

As reuniões sociais não eram somente realizadas em nível de Igreja local, mas era uma prática também vital em outros encontros adventistas, até mesmo das sessões da Conferência Geral. Menos sermões e mais comunhão.

Os Pequenos Grupos são um excelente meio para Adventistas modernos redescobrirem suas raízes no equilíbrio dos ministérios cognitivo e relacional. Os Adventistas primitivos estavam tão preocupados com a comunhão quanto com a doutrina. Eles mantinham um lindo equilíbrio entre o relacional e o cognitivo. Os Adventistas modernos parecem estar priorizando o cognitivo e negligenciando o relacional. Talvez seja hora dos Adventistas modernos tornarem a descobrir a dinâmica entre o cognitivo e o relacional.

Por Mono Mono Mono
Função/origem

Discussão:

1. Por que as reuniões sociais ou de Pequenos Grupos relacionais eram tão importantes no Adventismo primitivo?
2. Como os pequenos grupos podem nos ajudar hoje a restaurar este equilíbrio entre o ensino cognitivo (as doutrinas) e o relacional que deve haver entre os crentes? (Romanos 8: 10, 15; João 15: 17; 13: 35).
3. Em sua opinião o que devemos fazer para efetivar isto em nosso meio hoje?



Trabalho para os *Membros*

A Igreja de Deus na Terra existe para levar ao mundo uma mensagem especial de salvação, na plenitude do Espírito Santo. No entanto, temos visto uma Igreja voltada para si mesma, para suas próprias necessidades. Sábado após Sábado seus membros vêm ao templo para ouvirem sermões. Seria este um comportamento que agrada ao Senhor? Seria esta a Igreja que o Senhor idealizou para os últimos dias da história deste planeta? O texto a seguir foi extraído do livro Testemunhos Seletos, vol.3, pág. 81-87 “Trabalho para os membros da Igreja”, são uma forte administração, um apelo veemente da

serva do Senhor para que a Igreja de Deus se concentre em seu verdadeiro foco. O mundo precisa de alguém, um povo que lhes mostre o caminho da salvação. Reflita na poderosa mensagem apresentada por Ellen White.

Trabalho dos ministros

Deus não confiou aos pastores o trabalho de estarem pondo em harmonia as igrejas. Tão depressa se acha aparentemente realizado esse serviço, tem que ser feito de novo. Membros da igreja que são atendidos e ajudados deste modo, tornam-se fracalhões religiosos. Se nove décimos

do esforço que se tem empregado em favor dos que conhecem a verdade, houvessem sido empregados em prol dos que dela nunca ouviram, quanto maior teria sido o avanço realizado! Deus tem retido Suas bênçãos porque Seu povo não tem trabalhado em harmonia com as Suas diretrizes.

Enfraquece os que já conhecem a verdade o gastarem nossos pastores com eles tempo e talento que deveriam dedicar aos inconversos. Em muitas de nossas igrejas nas cidades, o pastor prega sábado após sábado e, sábado a sábado os membros vão à casa de Deus sem palavras que

dizer sobre bênçãos recebidas em resultado das que comunicaram. Não trabalharam durante a semana pondo em prática as instruções que lhes foram dadas no sábado. Enquanto os membros da igreja não fizerem esforços para dar aos outros o auxílio que lhes é dado, tem que resultar disso grande debilidade espiritual.

O maior auxílio que se pode prestar a nosso povo, é ensiná-lo a trabalhar para Deus e a nele confiar, e não nos pastores. Aprendam a trabalhar como Cristo trabalhou. Unam-se ao Seu exército de obreiros, e façam por Ele trabalho fiel.

Ocasionalmente há em que convém fazerem os nossos pastores, no sábado, em nossas igrejas, breves discursos, cheios de vida e do amor de Cristo. Os membros da igreja não devem, porém, es-

perar um sermão cada sábado. Lembremo-nos de que somos peregrinos e estrangeiros na Terra, e que buscamos uma Terra melhor, isto é, a celestial. Trabalhem com fervor e devoção tais que pecadores sejam atraídos a Cristo. Os que se uniram ao Senhor em concerto de serviço, acham-se sob obrigação de a Ele se unir também na grande, sublime obra de salvar almas. Durante a semana, façam os membros da igreja fielmente sua parte e, no sábado, relatem sua experiência. A reunião será então como alimento em tempo oportuno, comunicando a todos os presentes vida nova e renovado vigor. Ao ver o povo de Deus a grande necessidade de trabalhar como Cristo trabalhou pela conversão de pecadores, os testemunhos por eles apresentados no culto do sábado estarão cheios de poder. Com alegria contarão a preciosa experiência que alcançaram em trabalho pelos outros.

Organizar a igreja para o Serviço

Nossos pastores não devem gastar seu tempo trabalhando pelos que já aceitaram a verdade. Com o amor de Cristo a arder-lhes no coração, devem pôr-se a ganhar almas para o Salvador. Junto a todas as águas devem eles lançar as sementes da verdade. Um lugar após outro deve ser visitado; uma igreja após outra, ser estabelecida. Os que se põem do lado da verdade devem ser organizados em igrejas, e então, deve o pastor passar a outros campos igualmente importantes.

Logo que seja organizada uma igreja, ponha o pastor os membros a trabalharem. Terão eles que ser ensinados a trabalhar com êxito. Dedique o pastor mais tempo para educar do que para pregar. Ensine ao povo a maneira de transmitir aos outros o conhecimento que receberam. Se bem que os novos conversos devam ser ensinados a pedir conselho dos mais experientes na obra, devem ao mesmo tempo ser ensinados a não colocar o pastor em lugar de Deus. Os pastores são apenas seres humanos, homens rodeados de fraquezas. Cristo é Aquele de quem devemos esperar guia. (Jo1:14 e 16)

O poder do evangelho deve sobrevir aos grupos já formados de crentes, habilitando-os para o serviço. Alguns dos novos conversos serão de tal modo cheios do poder de Deus que se porão



imediatamente a trabalhar. Trabalharão com tanta diligência que não terão tempo nem vontade de enfraquecer as mãos de seus irmãos com críticas descorteses. Seu único desejo será levar a verdade às regiões que lhes estão à frente. O Senhor me apresentou a obra que há por fazer-se em nossas cidades. Os crentes nessas cidades podem trabalhar por Deus na vizinhança de seus lares. Devem trabalhar calmamente e com humildade, levando consigo, aonde quer que forem, a atmosfera do Céu. Se deixarem fora de vista o próprio eu, apontando sempre para Cristo, haverá de sentir-se o poder de sua influência...

Não é o desígnio do Senhor que se deixe aos pastores a maior parte da obra de semear a semente da verdade. Homens que não são chamados para o ministério, devem ser animados a trabalhar pelo Mestre segundo suas várias aptidões. Centenas de homens e mulheres agora ociosos poderiam fazer obra digna de aceitação. Levando a verdade à casa de seus amigos e vizinhos, poderiam fazer grande obra para o Mestre. Deus não faz acepção de pessoas. Servir-Se-á Ele de cristãos humildes e dedicados, mesmo que não tenham recebido instrução tão completa quanto alguns outros. Empenhem-se em serviço para Deus, fazendo trabalho de casa em casa. Assentados na intimidade do lar pode-

rão - se forem humildes, discretos e piedosos - fazer mais para satisfazer as reais necessidades das famílias, do que o faria um ministro ordenado.

Por que não sentem os crentes preocupação mais profunda, mais fervorosa pelos que estão afastados de Cristo? Por que não se reúnem dois ou três e instam com Deus pela salvação de determinada pessoa, e, em seguida, doutra? Formemos em nossas igrejas grupos para o serviço. Unam-se vários membros para trabalhar como pescadores de homens. Procurem arrebataram almas, da corrupção do mundo, para a salvadora pureza do amor de Cristo.

A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros...

Nosso povo recebeu grande luz; contudo, grande parte dos esforços ministeriais tem sido empregada com as igrejas, ensinando os que deveriam ser professores eles mesmos; iluminando os que deveriam ser "a luz do mundo" (Mt 5:14); regando

aqueles dos quais deveriam brotar rios de água viva; enriquecendo os que poderiam ser minas de preciosa verdade; repetindo o convite evangélico aos que, espalhados nas partes mais remotas da Terra, deveriam estar dando a mensagem do Céu aos que a não ouviram ainda; alimentando os que deveriam estar nos caminhos e valados, fazendo o convite: "Vinde, que já tudo está preparado." (Lc14:17)

O contato com as coisas profundas de Deus torna-os cada vez mais semelhantes ao seu Salvador. Exultam em Seus triunfos; enchem-se de Seu regozijo. Dia a dia crescem, até à estatura completa de homens e mulheres em Cristo.

Por Mono Mono Mono
Função/origem

Discussão:

1. Qual a principal função do pastor à frente do povo de Deus?
2. Quais os efeitos que resultam de uma Igreja que depende somente do pastor?
3. O que o senhor espera dos membros de Sua Igreja?
4. O que membros e pastores devem fazer para cumprir com o propósito estabelecido por Deus para Sua Igreja?



Características de um *Líder Eficaz*

Existe um clamor em todas as áreas que tem afetado e comprometido a sociedade do século XXI. É a falta de líderes. A comunidade, os lares, a política, as empresas, as escolas e as igrejas têm sofrido com a falta de liderança comprometida com valores, princípios e pessoas, por isso a sociedade está doente. A liderança pode ser ensinada e aprendida. Milhares aprendem sobre liderança nas salas de aula. Outros aprendem assimilando princípios verificados na vida de líderes ao seu redor. Há aqueles que

experimentam as duas formas de desenvolvimento da liderança. Quais são as características relevantes para o crescimento? Conheça as principais características dos líderes que fazem o pequeno grupo crescer e se multiplicar:

Liderança comprometida

Onde quer que tenhamos um grupo de pessoas, ali se encontra um líder. Um líder é alguém que se destaca, influencia pessoas e transmite segurança ao grupo. É

importante termos esse conceito em mente, porque você só lidera alguém se o influencia. Deus e a sociedade sempre estão à procura de homens e mulheres de caráter; comunicativos; competentes; corajosos; focados; com discernimento e iniciativa; apaixonados; proativos; que saibam ouvir e relacionar-se; que sejam responsáveis; disciplinados e tenham larga visão; que saibam delegar e multiplicar-se; e que estejam comprometidos com resultados a curto, médio e longo prazo. “A maior necessidade do

mundo é a de homens – homens que se não comprem e nem se vendam; homens que no íntimo do seu coração sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus” (Educação, 57).

Espiritualidade Contagiante

O líder deve ter uma forte experiência de comunhão diária com Deus, para ser dirigido pelo Espírito Santo. Estudos mostram que a capacidade de fazer o Pequeno Grupo crescer e se multiplicar está proporcionalmente relacionada ao tempo de comunhão diária. A liderança de um Pequeno Grupo é uma atividade essencialmente espiritual e, portanto, o Espírito Santo deve ter total comando da vida do líder. Além da devoção pessoal, o Pequeno Grupo que cresce tem um líder que ora intercessoriamente pelo seu grupo. Demonstra, em sua vida pessoal, que não é mestre por excelência, mas segue os passos do Mestre. O líder-pastor encontra todos os recursos nAquele que é a cabeça, Cristo (Lc10: 3-9); confia que Deus suprirá cada necessidade que surgir pelo caminho e mantém a prioridade da missão acima dos interesses pessoais. Você nunca poderá conduzir outros a um nível

que você mesmo ainda não tiver alcançado.

Visão Pastoral

O pastoreio é uma metodologia bíblica dada por Deus a Moisés (Êx 18) e utilizada pelo próprio Cristo na formação da incipiente Igreja Cristã. Também reiterada pelo Espírito de Profecia, através da pena inspirada de Ellen White. O crescimento explosivo que houve na Igreja apostólica, foi sustentado por obreiros dedicados e comprometidos com a visão pastoral de apascentar o rebanho de Deus (1Pd 5:1-3). O líder deve ter disposição para pastorear um pequeno rebanho, promover o evangelismo, visitar e dar atendimento às necessidades dos participantes, acompanhar os visitantes, identificar e preparar novos líderes. O líder-pastor cuida das necessidades do rebanho (Ez 34.1-16). O verdadeiro pastor traz de volta, não abandona; restaura, não rejeita.

Planejamento

Viver sem planejamento é viver como bombeiros, apagando incêndios aqui e ali e, mais sério do que isto, podendo errar por tomar decisões imediatas e sob pressão, obter resultados pequenos e até negativos. Daí algumas frases lapidares: “sem planejamento, o fracasso já está planejado”; “quem não sabe onde quer chegar, não chega a lugar

nenhum”. Jesus mesmo reconheceu a importância de pensarmos de maneira organizada e estratégica. Ele diz: “Quem é aquele que antes de construir uma casa, primeiro não se assenta para ver os custos?” (Lc 14:28). O que é um planejamento? É um processo que diz respeito à formulação de objetivos para a seleção de programas de ação e para sua execução.

Amor pelas pessoas

Russel Burrill diz que, antes da implantação dos Pequenos Grupos duas coisas devem ocorrer na Igreja: redescobrir a paixão evangelística e sentir a necessidade de salvar pessoas. O líder é a pessoa responsável em passar para o grupo a paixão, a urgência e o intenso desejo de salvar os pecadores. Ele conduz o grupo para salvar pessoas através de seu exemplo e de um bom planejamento missionário. Sem amor e compaixão pelos perdidos os pequenos grupos, simplesmente serão uma estrutura morta. Liderar um Pequeno Grupo envolve o preparo pessoal, tempo e dedicação. O líder se prepara para os encontros, define alvos e envolve o grupo. Quando pedimos a bênção de Deus sobre nosso tempo, desfrutamos paz interior e realizamos com equilíbrio tudo que é importante: comunhão pessoal, família, trabalho, estudos, lazer, preparo para liderar o Pequeno Grupo.



Treinamento

No sacerdócio de todos os crentes a pessoa deve ser conduzida a um ministério em que fluam os dons espirituais que lhe tenham sido confiados pelo Espírito de Deus. A capacitação faz parte do treinamento para o serviço (I Pedro 2: 2-5, 9, 12). Afinal, não ocorre crescimento se os membros não agirem como “sacerdotes”, se forem sempre “ovelhas”. O líder-pastor delega responsabilidades e supervisiona as atividades. Em Efésios 4:11-13, Paulo enfatiza que pessoas são designadas para diferentes tarefas a partir de seus dons. Em Éfeso os presbíteros são também chamados de bispos (supervisores) e têm a responsabilidade de pastorear o rebanho. Naquela época, todo grupo que se reunia de casa em casa - partindo o pão, mantendo comunhão, orando - tinha alguém que o pastoreasse. Mas a tradição eclesial tem levado Igrejas a pensar que uma só pessoa – o pastor – deve cuidar direta, porém superficialmente, das necessidades da congregação inteira.

Multiplicação

O poder do grupo não consiste no desenvolvimento de uma boa dinâmica de grupo. O poder está na obra dinâmica do Espírito Santo nele. Quando os membros de um grupo insistem ao apego entre si e não à Cabeça, que é Cristo, isto revela uma atitude egoísta e carnal. Os membros veteranos, cujos Pequenos Grupos se multiplicam regularmente, têm encontrado a mesma dinâmica em todos os grupos - porque o mesmo Senhor é o Senhor de todos. Para ser autêntico, o Pequeno Grupo deverá presenciar conversões com regularidade, produzindo crescimento até nova multiplicação. Não devemos esquecer que os grupos

nunca se “partem” ou “dividem”, eles se multiplicam.

Discipulado

“É um processo contínuo pelo qual uma pessoa é atraída a Cristo e se desenvolve até chegar ao nível de crente maduro e reprodutivo na igreja. É uma jornada que dura toda uma vida de aprendizagem e obediência a Cristo. Ele transforma os valores e o comportamento de uma pessoa, resultando em um ministério no lar, na igreja e no mundo”. Emílio Abdala

O alvo da grande comissão é fazer discípulos. Ir, ensinar e batizar, são os métodos estabelecidos por Cristo para alcançar o alvo. A busca deste objetivo ajuda a combater a estagnação e a apostasia. Importa saber, porém, que não basta batizar. A Igreja necessita investir no processo de maturidade espiritual dos convertidos e em seu envolvimento com a missão, de acordo com seus dons espirituais.

Por Mono Mono Mono
Função/origem

Discussão:

1. Além das características de liderança apresentadas no artigo, que outras características são citadas no texto e são importantes para um líder de Pequenos Grupos?
2. Destaque em ordem de prioridade as características que você acha mais importante?
3. Defina para o grupo o que é discipulado? Exemplifique como deve funcionar o ciclo de discipulado?



Bem Vindo à Vida *Pastoral*

O Pequeno Grupo é o lugar no qual as pessoas são evangelizadas, discipuladas, equipadas para servir; é o lugar onde os membros se edificam mutuamente. O grupo é uma comunidade onde cristãos demonstram o quanto se importam uns com os outros e exercem transparência entre si. Por suprir todas as necessidades básicas do cristão, o Pequeno Grupo torna desnecessária aquela multidão de programas que existe nas Igrejas tradicionais.

A verdadeira Igreja em Pequenos Grupos não depende da existência da noite de visitação, vigílias, culto de oração, semanas de oração, nem de qualquer outra das reuniões formais que enchem o calendário da Igreja. Ao tomar o lugar de tudo isso, o Pequeno Grupo propicia filiação a uma verdadeira comunidade, uma “unidade ampliada da família”. Uma Igreja em Pequenos Grupos bem constituída não sentirá necessidade de manter uma agenda repleta de programas. As suas necessidades fundamentais

são providas dentro dos Pequenos Grupos. Uma extensa programação dispersaria a atenção, de modo contraproducente.

Há características específicas para o encontro de um Pequeno Grupo. No início da reunião, haverá tempo para louvor e adoração, mas não será o principal propósito do encontro. O grupo usará muito a Bíblia em todo seu segmento, mas não será uma reunião de estudo bíblico. Essas necessidades serão supridas em outro momento da vida da Igreja, como veremos a seguir.



Líder pastor, o seu ministério é de vital importância!

Em Mateus 9:36 lemos que Jesus viu multidões de pessoas da comunidade e “teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor”. Em nossos dias, o problema na comunidade cristã é o mesmo. Nas igrejas tradicionais uma equipe é contratada e paga para pastorear as pessoas. Geralmente cada pastor é responsável por dezenas ou mesmo centenas de cristãos. É impossível que um só pastor cuide de tantas ovelhas. Pouca atenção se dará às suas necessidades espirituais e pessoais. Como resultado, os cristãos serão meros participantes das suas igrejas e, pior, não estarão preparadas para ministrar a outros!

Na Igreja em Pequenos Grupos não funciona assim. A pro-

porção de pastor para ovelhas é um por quinze. Dessa maneira, as necessidades do rebanho poderão ser percebidas de perto. Os dons de cada pessoa poderão ser desenvolvidos. Todo membro de Pequeno Grupo ao interagir em seu grupo se torna uma testemunha a outras pessoas.

Em um Pequeno Grupo o membro exerce mais responsabilidade do que um professor de Escola Sabatina, que lidera e apresenta lição

a uma classe. Sua responsabilidade também vai além da de um oficial da Igreja. Liderando um Pequeno Grupo, você é um pastor!

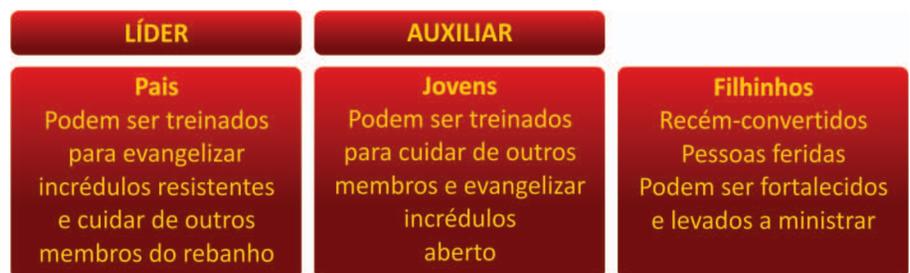
O líder de Pequeno Grupo desempenhará muitas funções ministeriais. Ele é o primeiro responsável pelos cuidados pastorais dos membros de seu grupo. O líder não precisa ser um grande mestre da Bíblia, nem mesmo um comunicador poderoso. O que se requer dele, em vez disso, é que tenha amor pelos membros do Pequeno Grupo. Assim como um pastor cuida do rebanho e ministra às necessidades dele, o líder de Pequeno Grupo também deve trabalhar pelas ovelhas. Cada líder desempenha um papel essencialmente pastoral, o pastoreio foi o ministério que Jesus confiou a cada líder de Pequeno Grupo.

As três divisões abaixo correspondem a três subgrupos dentro do Pequeno Grupo. À medida que o líder conhecer melhor os membros, saberá como classificá-los — e quem sabe, tenha que reclassificá-los, ao adquirirem

Um Pequeno Grupo típico

Examine cuidadosamente o seguinte gráfico.

Haverá três grupos no seu rebanho (ver I João 2: 13-14)



maturidade no progresso da jornada espiritual. Esses três níveis de maturidade são mencionados em I João 2: 13-14. Os termos: pais, jovens e filhinhos se referem tanto a homens quanto a mulheres.

O Pequeno Grupo vai precisar de:

- **UM LÍDER:** responsável pelo pastoreio do rebanho.
- **UM AUXILIAR:** acompanhará o líder em tudo. Em menos de um ano o Pequeno Grupo se multiplicará. Metade das pessoas ficará com o líder e metade será pastoreada por aquele que o auxiliava. Cada líder começará a treinar outro auxiliar.
- **CINCO A SETE PESSOAS:** formarão o Pequeno Grupo. Quanto mais o líder as conhecer, mais notará suas diferentes características espirituais e necessidades. É claro que não se pode colocar pessoas em caixinhas e rotulá-las, mas elas, de um modo geral, corresponderão aos seguintes grupos:
 1. **FILHINHOS:** Recém-convertidos, precisando ser alimentados com o “leite da Palavra”; Pessoas feridas, que precisam sarar para poder crescer.
 2. **JOVENS:** Cristãos que já mudaram o seu sistema de valores e estão prontos para compartilhar a sua fé com outros.

3. **PAIS:** Servos comprometidos que poderão ser treinados para penetrar o mundo dos incrédulos fechados e resistentes, e também para ajudar o líder a cuidar dos membros do rebanho.

Para que recebam os cuidados necessários, os “filhinhos” precisarão ser discipulados por “jovens”. Os “jovens”, por sua vez, deverão se ligar a “pais” que os possam conduzir a níveis mais altos de ministério. Como parte do treinamento, o auxiliar aprenderá a ministrar às pessoas feridas. Assim se formará, dentro do rebanho, uma rede de proteção e cuidado.

Assim que um novo converso (ou uma pessoa ferida) estiver preparado, deve ser treinado a compartilhar a sua fé com incrédulos abertos ao evangelho. Essa experiência o ajudará a aprender como se faz para conduzir pessoas a Cristo, e depois, fortalecer e cuidar dessas pessoas. Todo novo converso deverá ser integrado ao Pequeno Grupo.

Os “pais” são cristãos maduros que já conduziram incrédulos à fé em Cristo. Como líder, você deverá conduzir o rebanho à realização de dois tipos de ministério: primeiro, aquele em que os membros ajudam uns aos outros; e segundo, o que visa evangelizar pessoas que estão sem Cristo.

O seu Pequeno Grupo não existe isoladamente

Lembre-se, líder, de que o rebanho que você pastoreia não constitui a sua “igreja particular”. Os Pequenos Grupos se ligam uns aos outros numa só visão de levar o evangelho ao mundo a fora.

Um Pequeno Grupo que não se multiplica ganhando incrédulos para Cristo não é sadio. O líder está sob a autoridade espiritual de seu supervisor, de seu coordenador/MIPES e de seu pastor distrital. Quando juntos estiverem orando e buscando estratégias para penetrar a escuridão de maneira mais eficiente, o Pequeno Grupo será um ponto de luz. Uma só vela talvez não chegue a iluminar um grande espaço, mas mil velas o farão muito bem! O seu ministério, somado ao de outros líderes da sua Igreja em Pequenos Grupos, terá um impacto poderoso!

*Por Mono Mono Mono
Função/origem*





Implementando *Mudanças*

Enquanto Igreja mundial, podemos dizer que o Adventismo continua avançando. Mesmo que em algumas regiões do mundo a obra esteja estagnada ou mesmo em declínio, como é o caso na Europa, nos Estados Unidos e Austrália. Mas o que dizer de nossa Igreja local? Como estamos atualmente? Quão saudáveis estão nossas Igrejas?

Como anda o programa de Sábado: Escola Sabatina, cultos de quarta-feira e domingos? Quão comprometidos estão os mem-

bros de nossas Igrejas com o evangelho que pregamos?

Caso não haja uma profunda mudança na maneira como conduzimos nossas Igrejas no Brasil, dentro em breve estarão tais quais as Igrejas de países secularizados. “O mundo odeia mudanças, no entanto, é a única coisa que tem trazido progresso” (C. Kettering).

A vida do Adventista moderno pode ser caracterizada como “sem tempo”: as pessoas não têm tempo para fazer o culto familiar,

para assistir cultos durante a semana, e mal vão à Igreja aos Sábados. Muitos dos que vão, chegam praticamente no horário do culto, ouvem o sermão e voltam para suas casas. À tarde, poucos saem para fazer visitas e outros tentam, com muita dificuldade, realizar o culto jovem. A grande maioria, contudo, prefere ficar em casa. Normalmente, quando se pretende levar uma visita à Igreja, verifica-se antes quem irá pregar ou se haverá uma programação especial.

Existe apenas um grupo pequeno de líderes que faz a maior parte das tarefas da Igreja, enquanto os demais permanecem expectantes. Há frieza em nossas congregações. As pessoas pouco se relacionam umas com as outras ou não desenvolvem relacionamentos autênticos.

O que fazer então? Onde está o problema?

A liderança da Igreja Adventista gastou quase 20 anos discutindo a reorganização das instâncias superiores (Associação, União, Divisão e Conferência Geral), mas pouco tem sido feito para reformular a Igreja local, onde o DNA do crescimento do reino de Deus está situado, onde as coisas acontecem de fato.

Problema: uma cópia de Babilônia

Russell Burrill pergunta em seu livro “Como reavivar a igreja do século 21”. “Como foi que chegamos tão longe em nossa eclesiologia?”. Ele coloca que Constantino, imperador romano, no 4º século, trouxe um sistema de igreja institucionalizada que desmantelou as comunidades relacionais de pequenos grupos que floresciam por 300 anos desde os dias dos apóstolos.

Outra consequência foi a dominância do clero que negou a doutrina do sacerdócio universal

de todos os crentes, ou seja, a idéia de que cada membro é um ministro. Isso criou uma classe expectadora, não autorizada a ministrar ou mesmo ler as escrituras, atividades reservadas ao clero.

As heresias de Babilônia não se referem apenas as suas doutrinas, mas a sua estrutura e práticas. O apelo de Russell Burrill para sair de Babilônia não é feito como um chamado para abandonar as heresias e doutrinas (isso não praticamos), mas a estrutura da Igreja local, que neutralizou a comunidade relacional de pequenos grupos e assumiu um projeto baseado num programa institucional legado ao cristianismo pela igreja católica.

O templo tornou-se a vida da igreja e não mais os lares. Tudo hoje gira em torno da Igreja, principalmente em torno das reuniões de Sábado.

Quando o sistema romano transformou os pequenos grupos relacionais numa catedral cheia de pessoas dependentes de uma minoria elitizada – o clero, a igreja perdeu seu calor, e a frieza de laodicéia começou a se infiltrar. Vejamos as dificuldades que enfrenta o Adventismo moderno:

1. Uma Igreja Estruturada para Programas

Os programas em si não trazem problemas, pelo con-

trário, esperamos que todos eles sejam uma resposta a algum tipo de problema enfrentado pela Igreja. O problema é o excesso. O excesso de programas que chegam nas mãos dos pastores e líderes de nossas Igrejas está impedindo seu crescimento.

“As relações do pastor com os departamentos da Associação deverão ser tais que ele possa esperar como líder da igreja o apoio ativo e prático dos diretores desses departamentos. Em lugar de afogar o pastor do rebanho com material de promoção, o diretor do departamento deverá fazer o possível para ajudá-lo a tornar mais produtivo seu ministério, reduzindo esse material a um mínimo eficaz”. Documento votado no concílio anual realizado em Takoma Park, 13 e 21 de Outubro de 1976 (Citado em Parousia, I Semestre de 2001, p. 62).

Solução: Os lares precisam se tornar o foco. Mais pessoas estarão envolvidas na missão. Não podemos fazer do templo o centro da vida da Igreja. Nossos cultos deveriam ser uma celebração daquilo que Deus tem feito na vida de Seu povo durante a semana.

2. Função Pastoral Distorcida

A Bíblia e Ellen G. White apresentam o papel do pas-

tor como alguém que treina e equipa sua Igreja, habilitando leigos a cuidarem de si mesmos em Pequenos Grupos, enquanto o pastor implanta novas Igrejas e expande a obra de Deus em outras regiões ainda não penetradas. A função do pastor não é simplesmente pregar, mas equipar seus membros para o exercício de seus ministérios.

“Os pastores de congregações deverão aceitar a responsabilidades de instruir e organizar todas as forças leigas da igreja para sua participação na ação evangelística”. Parousia, I Semestre de 2001, 61.

O item dois do documento diz: “Que o papel do pastor seja definido”. Mas herdamos do catolicismo e das grandes igrejas

protestantes o modelo de pastor “tomador de contas”. Onde o ministro funciona como uma espécie de “bombeiro”.

Hoje precisamos criar consciência e meios para que seja permitido ao pastor desempenhar sua verdadeira função à luz da Bíblia e do Espírito de Profecia: treinar e preparar a Igreja para o desenvolvimento de seus ministérios (Efésios 4: 11-13).

Ellen G. White assegura isto: “O melhor auxílio que os ministros podem prestar aos membros de nossas igrejas, não é pregar-lhes sermões, mas planejar trabalho para eles. Dai a cada um uma obra a fazer a bem de outros”. Serviço cristão, pág. 69.

3. Falta de Relacionamentos Genuínos

Talvez a falta de relacionamentos genuínos em nossas

Igrejas se deva, em grande parte, à falta de vida social em muitas delas. Como Adventistas, somos fracos no convívio social.

Onde está a resposta?

O escritor William Beckham, em sua obra “The Second reformation”, chama o movimento de Pequenos Grupos de a segunda reforma. Se para os Adventistas, Martinho Lutero foi o promotor da primeira reforma, Guilherme Miller o da segunda, os Pequenos Grupos são a terceira reforma. O movimento de Pequenos Grupos é o maior renascimento religioso de todas as épocas. Kurt Johnson pondera: “Para ser fiel às Escrituras e à Ellen White, os Pequenos Grupos não podem permanecer como uma parte opcional da vida da igreja. Os Pequenos Grupos devem chegar a ser parte do ponto central mais importante ao redor do qual girem os outros eventos da igreja”.



4. Reações a Mudanças

Como as pessoas reagem às mudanças? Para alguns, mudança implica em perda de poder e prestígio. Outros a resistem por desconfiar de seus líderes, pelo stress gerado, pelo excessivo apego às tradições acariciadas em seu meio.

Estudos realizados por Rogers e Shoemaker sugerem as seguintes categorias de pessoas em relação ao modo como encaram as mudanças:

- a) Inovadores (3%): São entusiastas em relação às mudanças, sendo sonhadores e criativos. Falam muito sobre inovações mas não são bons implementadores.
- b) Entusiastas (14%): Cerca de 14% dos membros da Igreja estão cansados do status quo, ou seja, a atual condição da Igreja. São otimistas e receptivos a novas idéias.
- c) Conservadores (34%): Estes não tomam partido até que tenham todas as evidências. Eles não buscam mudanças mas não resistem a elas. Gostam do rótulo de conservadores e são fiéis ao pastor. Apenas querem tempo para reflexão.
- d) Relutantes (34%): Podem falar mal da mudança, porém com o tempo, mudam de opinião. Não são facilmente convencidos a cer-

ca da importância da nova idéia.

- e) Resistentes (15%): São tradicionais e podem se opor abertamente às mudanças, pois se encontram bastante comprometidas com o *Status Quo*.

5. Melhor Momento para Mudanças

Há certos momentos na vida da Igreja que são propícios para mudanças:

- a) Momentos de Crise;
- b) Mudança de Pastor;
- c) Início de uma nova Igreja;
- d) Início de um novo ano eclesial;
- e) Durante reavivamentos;
- f) Em encontros especiais com seminários.

6. Dez Passos para uma Mudança

- 1) Estabeleça uma base de oração para seu projeto.
- 2) Apresente todas as informações que puder.
- 3) Desenvolva um núcleo de pessoas que apoiarão o projeto.
- 4) Ofereça seminários de treinamento regularmente.
- 5) Seja flexível na organização dos Pequenos Grupos.
- 6) Estabeleça uma estrutura que você seja capaz de supervisionar.

- 7) Desenvolva uma estratégia de discipulado, ou seja, como passar a idéia adiante.
- 8) Promova os Pequenos Grupos em todos os cultos da Igreja.
- 9) Confie na direção do Espírito Santo.
- 10) Mono mono Monomono mono mono mono monom mono mo

7. O Pastor como Agente de Mudanças

- a) Ter uma visão clara e ser convicto dos Pequenos Grupos como base;
- b) Ler livros sobre o assunto;
- c) Compartilhar a visão com a Igreja através de sermões, seminários e retiros;
- d) Iniciar um Pequeno Grupo protótipo com o núcleo base (Semana de compromisso);
- e) Ser perseverante e ter uma projeção de implantação;
- f) Desafiar a Igreja a viver uma vida em comunidade;
- g) Realizar reunião semanal com os líderes (Supervisão);
- h) Confiar na direção do Espírito Santo.

Por Mono Mono Mono
Função/origem

PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE LÍDERES

Orientações Gerais

A investidura em Líder, Líder Plus e Líder Prime de Pequenos Grupos deverá seguir os seguintes critérios:

- Os requisitos devem estar todos cumpridos, com a data especificada e a assinatura do pastor distrital.
- O pastor do distrito entra em contato com o diretor de Ministério Pessoal da Associação ou Missão para marcar a cerimônia.
- A investidura do Líder de Pequeno Grupo só se realizará com a presença do diretor de Ministério Pessoal da Associação ou Missão.
- A investidura de Líder Plus de Pequeno Grupo só se realizará com a presença do diretor de Ministério Pessoal da União.

• A investidura de Líder Prime de Pequeno Grupo só se realizará com a presença do diretor de Ministério Pessoal da Divisão.

• No momento da investidura do Líder de Pequenos Grupos, Líder Plus ou Líder Prime também se deve conceder o Pequeno Grupo que ele lidera com um certificado de honra ao mérito correspondente ao mesmo nível do seu líder. Esses certificados serão fornecidos pela DSA em acordo com as Uniões e Campos.

Revalidação de Investidura

A investidura permanecerá válida enquanto a pessoa estiver atuando ativamente como líder, coordenador ou supervisor de Pequenos Grupos.

Quando deixar de se envolver na liderança por dois anos, perderá a validade e poderá ser revalidada mediante os seguintes itens:

- Liderança de um Pequeno Grupo por seis meses.
- Participação de um retiro de treinamento para líderes promovido pela Associação ou Missão.
- Cadastro do Pequeno Grupo na Associação ou Missão.
- Vida pessoal e espiritual em dia com os princípios da igreja.

Qualquer dúvida sobre o Programa de Formação de Líderes, entre em contato com o seu pastor ou departamental de Ministério Pessoal da sua Associação.



LÍDER

1. Participar de um treinamento promovido pelo pastor distrital.

Registro: ____/____/____

2. Vida devocional: orar e estudar a Bíblia nas primeiras horas do dia.

Registro: ____/____/____

3. Dirigir o encontro semanal do Pequeno Grupo seguindo as orientações da Associação.

Registro: ____/____/____

4. Participar ativamente do Pequeno Grupo de líderes (protótipo).

Registro: ____/____/____

5. Visitar cada membro do Pequeno Grupo duas vezes ao ano.

Registro: ____/____/____

6. Promover os projetos dos departamentos da igreja em seu Pequeno Grupo.

Registro: ____/____/____

7. Formar um novo líder (mentorear).

Registro: ____/____/____

8. Formar duas duplas missionárias no Pequeno Grupo.

Registro: ____/____/____

9. Participar do retiro de líderes da Associação ou Missão.

Registro: ____/____/____

10. Realizar a Semana Santa com seu Pequeno Grupo.

Registro: ____/____/____

11. Levar o Pequeno Grupo a estudar a Bíblia com, pelo menos, quatro pessoas (uma diretamente com o líder).

Registro: ____/____/____

12. Levar o Pequeno Grupo a batizar duas pessoas durante o ano.

Registro: ____/____/____

13. Estudar o “Manual de Líderes de Pequenos Grupos”.

Registro: ____/____/____

14. Ler o livro “Como Reavivar a Igreja”, de Russel Burrill.

Registro: ____/____/____

15. Cadastrar o Pequeno Grupo na Associação ou Missão.

Registro: ____/____/____

Nome: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Igreja: _____

Distrito: _____

Data do início: ____/____/____

Assinatura

LÍDER PLUS

1. Participar de um treinamento promovido pelo pastor distrital.
Registro: ____/____/____

2. Vida devocional: orar e estudar a Bíblia nas primeiras horas do dia.
Registro: ____/____/____

3. Dirigir o encontro semanal do Pequeno Grupo seguindo as orientações da Associação ou Missão (mín. de 6 meses).
Registro: ____/____/____

4. Participar ativamente do Pequeno Grupo de Líderes (protótipo).
Registro: ____/____/____

5. Visitar cada membro do Pequeno Grupo duas vezes ao ano.
Registro: ____/____/____

6. Promover os projetos dos departamentos da igreja em seu Pequeno Grupo.
Registro: ____/____/____

7. Ser um Líder de Pequeno Grupo investido.
Registro: ____/____/____

8. Formar um novo líder (mentorear).
Registro: ____/____/____

9. Formar duas duplas missionárias no Pequeno Grupo.
Registro: ____/____/____

10. Participar do retiro de líderes da Associação ou Missão.
Registro: ____/____/____

11. Multiplicar seu Pequeno Grupo.
Registro: ____/____/____

12. Formar uma unidade de Escola Sabatina com seu Pequeno Grupo.
Registro: ____/____/____

13. Participar com seu Pequeno Grupo do Mutirão de Natal da ASA.
Registro: ____/____/____

14. Levar o Pequeno Grupo a estudar a Bíblia com, pelo menos, quatro pessoas (uma diretamente com o líder).
Registro: ____/____/____

15. Realizar a Semana Santa com seu Pequeno Grupo.
Registro: ____/____/____

Nome: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Igreja: _____

Distrito: _____

Data do início: ____/____/____

Assinatura

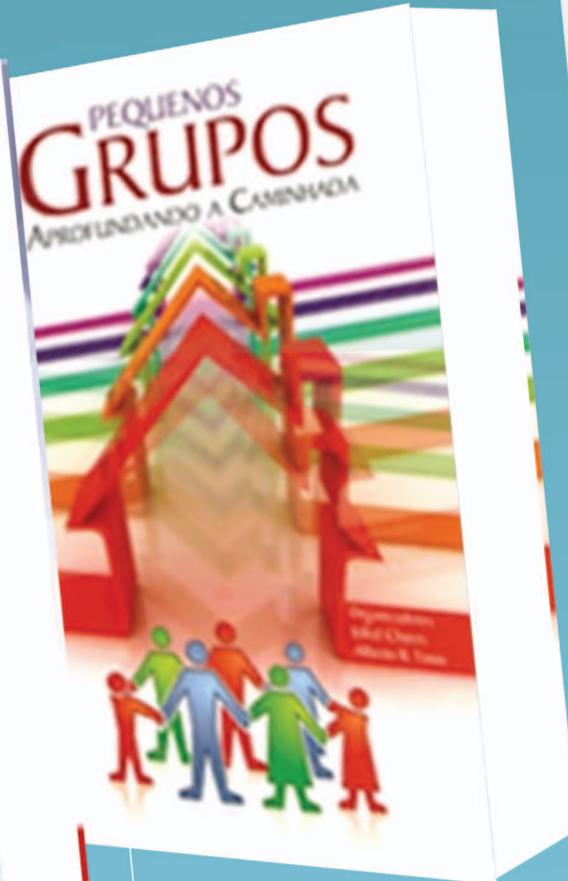




LEIA



Mono mono mono
mono mono monomonomo
mono monomonom mono
mono mono



Mono mono
mono mono monomonomo
mono monomonom mono
mono mono